

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO PEDAGOGIA**

**CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA UMA**  
**EDUCAÇÃO DE SUJEITOS AUTÔNOMOS**

Goiânia/GO

2015

ALEXSANDRA COSTA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA UMA  
EDUCAÇÃO DE SUJEITOS AUTÔNOMOS**

Trabalho apresentado para efeito de composição de nota parcial da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, sob a orientação da professora Doutora Maria Margarida Machado.

Goiânia/GO.

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO PEDAGOGIA**

ALEXSANDRA COSTA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA UMA  
EDUCAÇÃO DE SUJEITOS AUTONÔMOS**

**Banca examinadora**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Margarida Machado (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Emília de Castro Rodrigues

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por iluminar a minha vida e por me dar força na busca do progresso.

A professora Maria Margarida Machado por ter orientado este trabalho com dedicação e paciência.

A professora Maria Emília de Castro Rodrigues por ter-me co-orientado, lido e relido meu trabalho seriamente.

As educadoras e educadores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás por terem me proporcionado tantos conhecimentos.

A meus pais e minha filha pela tolerância nos momentos em que estive ausente.

A Rosângela, minha irmã e amiga, os demais irmãos e ao meu marido por terem acompanhado este trabalho com paciência e por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos de minha vida, me fazendo sempre refletir diferentes posições, dialogando comigo.

## SUMÁRIO

Introdução.....	06
Capítulo 1 - Vida e obra de Paulo Freire.....	09
1.1 Breve percurso da vida de Paulo Freire.....	09
1.2 Obra de Paulo Freire.....	16
Capítulo 2 – Paulo Freire revelado em suas “Pedagogias”.....	23
2.1 As principais reflexões de Freire presentes nas suas “pedagogias”.....	23
2.1.1 Pedagogia do Oprimido.....	23
2.1.2 Pedagogia da Esperança.....	30
2.1.3 Pedagogia da Autonomia.....	33
2.2 As principais influências na obra de Paulo Freire.....	39
Considerações Finais.....	48
Referências.....	50

## Introdução

Neste trabalho, discutimos as contribuições de Paulo Freire para uma educação de sujeitos autônomos estabelecidas na sua obra e apresentaremos importantes aspectos da sua trajetória. Buscamos fazer uma reflexão geral sobre o sentido dessas contribuições empregadas nas relações sociais. A produção escrita de Paulo Freire é extensa, alguns livros escritos com sua exclusiva autoria e outros em parceria com educadores. Há muito tempo seu trabalho é conhecido em quase todo o mundo por sua grande relevância.

Para alcançar os objetivos desse estudo, nos guiamos pela pesquisa bibliográfica, a partir de algumas obras do autor: *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987), *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1992) e *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática pedagógica* (FREIRE, 1996), sobretudo, relativa à concepção de educação e autonomia deste autor. A condução deste estudo foi ancorada ainda pelas reflexões de Ana Freire (2006), Albert Memmi (1977), Celso de Rui Beisiegel (2010), Erich Fromm (1968), Jorge e Benedetti (2005), Karel Kosik (1976), Karl Marx (1987), Marconi e Lakatos (2003) e Severino (2007). A partir dessas leituras buscou-se compreender a realidade que produziu o pensamento desse autor e de alguns dos autores que o influenciaram.

Esta pesquisa tem ainda como objetivo, problematizar algumas questões. Para isso, algumas perguntas norteadoras foram elaboradas para analisar o discurso de Paulo Freire acerca da constituição da autonomia, presentes nas obras citadas. As questões foram: O que é autonomia para Paulo Freire? Para quem mais diretamente Paulo Freire escreve? Nesse percurso foram considerados autores com os quais Paulo Freire dialoga para compor o seu discurso sobre a autonomia.

Buscamos responder a essas questões por meio da própria obra do autor, apontando seus principais aspectos, objetivos e destinatários. Posteriormente, com o intuito de explicitar as influências de Paulo Freire, foram apresentados ao longo da pesquisa autores que o levaram a pensar o conceito de autonomia que será destacado neste trabalho. O estudo freireano fundamenta a compreensão sobre a importância da aquisição da autonomia. Possibilita ainda perceber que autonomia, para Paulo Freire, não tem um conceito fechado. Conquistar a própria autonomia implica, para Freire, em libertação das estruturas opressoras. “A libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (FREIRE, 1983 *apud* ZATTI, 2007 p. 32).

Nessa perspectiva, levando em consideração os objetivos da pesquisa, Severino (2007)

considera que “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas” (p. 122). Essa metodologia nos possibilitou o acesso a elementos de estudo necessários para compreender a formação dos sujeitos autônomos.

Neste sentido, ao falar de ciência as autoras Marconi e Lakatos (2003) caracterizam como, “uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar: “A ciência” é todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação” (p. 80).

Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa como forma de perceber um problema teórico ou prático parte inicialmente de hipóteses do conhecimento popular e do conhecimento científico, para posteriormente chegar a uma conclusão. Conforme as autoras, “o conhecimento vulgar ou popular, às vezes denominado senso comum, não se distingue do conhecimento científico nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido: o que os diferencia é a forma, o modo ou o método e os instrumentos do “conhecer” (MARCONE e LAKATOS, 2003, p. 73).

Desse modo, para as autoras a pesquisa parte de conhecimento popular, de elementos que constituem e que fazem parte do contexto social, pode possibilitar a oportunidade de explorar os sentidos destes elementos que circulam nas diferentes esferas sociais. Nessa linha, para se chegar à temática desta monografia foi percorrido um extenso caminho ao longo do curso de Pedagogia. Desde o início no ano de 2012, as disciplinas que proporcionavam reflexões sobre questões educacionais, sociais e históricas foram me apresentando maneiras de pensar a formação e organização das práticas educativas, assim como, questões relacionadas à participação social. No primeiro e segundo períodos do curso, estudei sobre História e Sociologia da Educação, disciplinas que me proporcionaram a compreensão de como se constituía a formação social e a participação dos sujeitos no atual contexto histórico.

No terceiro e quarto período, pude compreender ainda mais as características dos estudos em Ciências Humanas. Após estas disciplinas, no quinto período estudei sobre Políticas Educacionais que possibilitou a ampliação de forma significativa da minha visão sobre a educação. Do mesmo modo, ocorreu com a disciplina de Filosofia, a qual me promoveu reflexões concisas, a respeito da autonomia como participação social e política. Já com vistas no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), vivenciei alguns Núcleos Livres que iam ao encontro das questões que me interessavam, entre eles, o mais significativo foi “Paulo Freire: Educação e Atualidade brasileira”.

Apesar das concepções diferenciadas apresentadas nas disciplinas, todas elas contribuíram

significativamente para que eu pudesse pensar seriamente sobre qual o meu papel enquanto educadora. Além disso, me impuseram questionamentos como, por exemplo, de que forma eu poderia contribuir na formação de pessoas e que tipo de sujeito eu deveria formar. A partir de estudos realizados na disciplina de Núcleo Livre sobre Paulo Freire (1987-1999), me atentei sobre a possibilidade de pensar uma perspectiva diferente de Educação bem distante da educação tradicional de simples inserção de conteúdos. Essas foram algumas razões para desejar ir mais além nos estudos acerca de Paulo Freire.

Para descrever e analisar o referido processo de formação da autonomia organizamos esta monografia em dois capítulos. No primeiro capítulo procura-se situar o leitor sobre as experiências que levaram Freire a formar suas convicções sobre a necessária relação do educador com os aprendizes, de uma forma diferenciada, respeitando sempre os conhecimentos prévios e as experiências dos educandos. Além de preparar o leitor para compreender esse sujeito e a sua relação com o mundo. Dessa forma, procuramos recuperar elementos da vida e obra de Paulo Freire, para isso, buscamos, primeiramente, destacar a sua história de vida, do mesmo modo, seu trabalho, para assim, verificar para quais sujeitos ele escreve.

O segundo capítulo busca apresentar as ideias das principais obras de Paulo Freire que foram consolidadas nessa pesquisa, visando compreender a noção de autonomia em Freire. As obras a que faz referência a pesquisa são *Pedagogia do Oprimido*, pelo fato de abordar questões relativas à contradição existente da relação entre opressores e oprimidos e apontava a importância de uma orientação tendendo a superação dessas contradições. A *Pedagogia da Esperança* foi escolhida por mostrar a convicção de Paulo Freire sobre a relevância de se sonhar e manter a esperança na existência humana e na luta por uma vida melhor. Em relação à escolha da obra *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, se deve ao fato de evidenciar as propostas de práticas pedagógicas necessárias à educação como forma de construir a autonomia dos sujeitos. Elas são denominadas de campo da educação da trilogia das pedagogias de Paulo Freire.

Trata ainda de alguns autores que contribuíram para a formação do pensamento de Freire e tinham sintonia com o conceito de autonomia, os quais foram importantes personalidades sociais de influência mundial, tanto em comportamentos humanos como em relação a modos de produção e relações de trabalho.

Nosso estudo parte dessa premissa, com o objetivo de investigar as várias concepções de autonomia e como elas se correlacionam com a educação. Após este percurso de vida, aprofundamento em algumas obras segue os capítulos da monografia e as considerações finais que nos conduzem a importância da obra de Paulo Freire para a educação no contexto atual. Em

seguida, as referências bibliográficas acerca desta pesquisa em que traçamos uma breve reflexão sobre a contribuição de Paulo Freire para a educação e aquisição da autonomia. Antecedem os capítulos o sumário e a introdução.

## Capítulo 1

### Vida e obra de Paulo Freire

Neste capítulo procuramos recuperar elementos da vida e obra de Paulo Freire. Para isso, buscamos, primeiramente, destacar a sua história de vida, do mesmo modo, seu trabalho, o qual ficou conhecido pelo mundo desde as origens, no Recife e posteriormente no Chile, nos Estados Unidos, na Europa, na África e, novamente, no Brasil. Ao longo dessas reflexões, será apresentada sua ativa participação na vida educacional como professor e militante, além de suas ideias e sua *práxis* em obras de sua autoria.

Parte deste estudo foi conduzido através de uma obra de Celso de Rui Beisiegel (2010), livro dedicado a Paulo Freire na coleção de livros sobre educadores e pensadores da educação brasileira. Para atender aos objetivos desse trabalho partimos ainda das abordagens de Ana Maria Araújo Freire (2006) “Paulo Freire – Uma história de Vida”. Além disso, usamos também arquivos disponíveis no Instituto Paulo Freire.

Logo após, para analisar a concepção de Freire sobre a autonomia apresentaremos o conjunto de obras de sua autoria. Além de obras escritas em parceria com outros educadores, uma vez que, se percebeu que as concepções encontradas nas obras são fundamentais para investigar a noção do que é autonomia e, que Freire dialoga com autores para concluí-las. Para tanto, organizamos este capítulo com seções e explicações relativas a esse estudo.

#### 1.1 Breve percurso da vida de Paulo Freire

Trataremos aqui um breve percurso histórico acerca de Paulo Reglus Neves Freire (2005), mais conhecido como Paulo Freire, educador brasileiro, com atuação e reconhecimento internacionais. Nasceu em 19 de setembro de 1921 na cidade de Recife no Estado de Pernambuco e morreu em 2 de maio de 1997. Paulo Freire foi o quarto filho de Joaquim Themístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire. Nos primeiros anos de sua infância, sua família passou por dificuldades econômicas, no entanto, Freire (2005) enfatiza que foi nesse período que construiu suas primeiras experiências, as quais posteriormente, vieram a contribuir em sua formação e definir os sujeitos

para quem ele posteriormente dedicaria seu trabalho.

Depois do seu nascimento foi batizado pela fé católica. Ainda bebê foi presenteado pela mãe que lhe concedeu seu primeiro manuscrito, intitulado Livro do Bebê, o qual teve como mentora Edeltrudes Neves Freire. O livro do Bebê trazia seus relatos e fotografias. Esta dedicação era uma forma carinhosa de sua mãe registrar informações sobre o seu crescimento.

Com base na análise de Jorge e Benedetti (2005), no livro *Paulo Freire – Vida e obra*, as autoras apresentam que Freire concebe a sua infância um período feliz, marcada por lembranças de quando começou a leitura da palavra. Desde pequeno, apreciava a natureza e com o auxílio dos pais rabiscava suas primeiras palavras no chão. Palavras típicas do seu mundo e rabiscos feitos com pequenos gravetos de uma mangueira do quintal de sua casa. Ainda conforme Jorge e Benedetti (2005), a mãe de Freire foi sua primeira professora, ao lado do marido. Desde a infância a educação que Paulo recebeu dos pais era diferente, dialógica, naturalmente esta educação o influenciou em toda a sua vida.

Neste período, seu pai Temístocles Freire lhe contava histórias, cantigas de ninar, cantigas de roda e músicas típicas do seu tempo. Brincadeiras também se fizeram presentes em sua infância, entre elas esconde-esconde, pular corda, bambolê, as quais deixaram marcas e ficaram para sempre em sua memória. Essa educação de liberdade, Paulo Freire (2005) proporcionou mais tarde aos seus filhos e filhas, hábitos e costumes iguais aos que havia recebido dos pais durante sua formação.

Em virtude da difícil situação econômica de sua família, Freire (2005), ainda criança foi morar com os pais e os irmãos nas vizinhanças da capital de Pernambuco, em Jaboatão, uma cidadezinha a 18 quilômetros de Recife. Nesta cidade e com 6 anos de idade, já sabia ler e escrever. Alfabetizado em casa, logo ingressou em uma escola particular onde concluiu o ensino primário. Nesta escolinha lecionava Eunice Vasconcelos, uma “professorinha” singular com quem Freire (2005) construiu grande amizade e que teve forte contribuição em sua formação. Alí, Freire permaneceu por pouco tempo em função das limitações financeiras da família. Foi também em Jaboatão que aos 13 anos, enfrentou a morte de seu pai e acompanhou as dificuldades vividas pela mãe, que lutava pela própria sobrevivência e dos quatro filhos pequenos.

De acordo com Jorge e Benedetti (2005), a difícil vida em Jaboatão, ofereceu a Freire oportunidades fundamentais para que ele fortalecesse o seu caráter e sua preocupação com as injustiças. Nesta cidade, se socializava com crianças e adultos de camadas mais pobres, conseqüentemente passou a compreender o mundo e suas desigualdades. Neste sentido, as autoras apresentam ainda que ele teve uma infância pobre, mas tranquila e feliz, “Paulo Freire brincou muito na infância. Brincadeiras de rua, com os irmãos e outros companheiros, nas quais não existiam barreiras de classe social, etnia, cor ou credo no relacionamento dos brincantes.

Brincadeiras que viveram para sempre em sua memória” (JORGE e BENEDETTI, 2005, p. 9). Desde a adolescência o chamavam de Paulo Freire e esse nome se manteve ao começar a trabalhar como professor de língua portuguesa no Colégio Oswaldo Cruz, do Recife. Segundo as autoras, seu nome por extenso e que também foi de batismo, nunca pegou.

Ainda em Jaboatão e com pouca idade, Freire demonstrava grande interesse pelos estudos, a mãe e os irmãos percebiam o futuro promissor. Desse modo, auxiliaram, incentivando-o para que concluísse os estudos. Para isso, Freire (2005) desde criança foi orientado a não trabalhar, seus irmãos ainda jovens abriram mão dos estudos para se dedicarem ao trabalho e ajudar nas necessidades. De acordo com Freire (2005), em sua adolescência, teve medo de não se enquadrar nos padrões estabelecidos pela sociedade. Isto porque, tinha uma precária situação econômica. Por outro lado, as dificuldades e experiências em Jaboatão - fome, sofrimento, medo -, possibilitaram que se tornasse consciente, capaz de compreender a realidade de homens e mulheres de camadas desfavorecidas.

Aos 16 anos precisava estudar, porém, teve dificuldades de ingressar em um colégio particular. De acordo com Jorge e Benedetti (2005), em Jaboatão não havia escolas oferecendo o nível secundário, somente escola primária. Desse modo, Paulo ia diariamente de trem para a capital pernambucana, já com dezesseis anos de idade. A entrada e permanência gratuita de Freire no ensino secundário foi possível mediante bolsa de estudos no Colégio Oswaldo Cruz, um dos melhores estabelecimentos de ensino do Recife, na época. Seu ingresso tornou-se possível, depois de longas buscas feitas por sua mãe.

Nesse colégio, Freire (2005) concluiu o nível médio, teve o nível de escolaridade que facilitou o seu desenvolvimento intelectual e humanístico. Posteriormente ingressou na Faculdade de Direito de Recife, já com 22 anos. Em 1943, ainda estudante, conheceu a professora primária Elza Maia Costa Oliveira com quem se casou e teve cinco filhos: Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Apesar de ter concluído o curso superior em direito, não advogou, quis ser educador.

Além desse período de formação familiar e acadêmica, outro aspecto importante na vida de Paulo Freire foram suas experiências profissionais. Segundo Jorge e Benedetti (2005), no período em que esteve no Colégio Oswaldo Cruz trabalhou como auxiliar de disciplina e logo depois, como professor de língua portuguesa. No ano de 1947, Freire atuou no Serviço Social da Indústria (SESI) de Pernambuco, no cargo de diretor do Setor de Educação e Cultura. Este período foi importante, por ter sido o momento em que teve conhecimento da educação de jovens e adultos, trabalhadores com realidades particulares. Foi no SESI/PE que Freire (2005) pôde compreender a importância de uma educação popular, como também, da alfabetização de adultos.

Inicialmente Freire (2005) estudou a relação entre os alunos, seus pais e os professores, onde pôde constatar sua condição formal e material, bem como, as dificuldades das crianças em aprender a ler e escrever. Desde então, se empenhou em conhecer a realidade das famílias de trabalhadores, suas condições de vida e sua linguagem. Imediatamente, Freire fixou seu trabalho na educação popular.

De acordo com as autoras Jorge e Benedetti (2005), Freire como professor universitário, iniciou seu primeiro trabalho na Escola do SESI/PE, ministrando aulas de Filosofia da Educação. Logo depois, em 1960 doutorou-se em Filosofia e História da Educação. Enquanto educador, suas experiências se constituíram ainda em outras escolas, no SESI, em universidades do Brasil e de outros países.

Na Escola de Belas Artes da Universidade de Recife, atualmente Universidade Federal de Pernambuco, Paulo Freire foi nomeado Professor Catedrático. Nesta instituição trabalhou como professor de história e filosofia da educação. Segundo Jorge e Benedetti (2005), na década de 60, Freire em sua juventude

resolveu não esperar o mundo do futuro, resolveu se assumir sujeito da história no presente, na tentativa de construir projetos sociais nos quais as pessoas pudessem ser mais livres e mais felizes. Como os jovens brasileiros, Paulo Freire, já adulto, engajou-se profundamente no movimento transformador e participou da fundação do Movimento de Cultura Popular (MCP), lançado pelas forças progressistas de Recife, e coordenou, nessa ocasião, o Projeto de Educação de Adultos (JORGE e BENEDETTI, 2005, p. 24).

Dessa forma, ainda em Recife e na mesma Universidade, segundo Jorge e Benedete (2005), Freire trabalhou como assessor de políticas em assuntos educacionais e no desenvolvimento dos movimentos de educação popular. Desse modo, em 1962 ganhou o primeiro cargo de diretor do Serviço de Extensão e Cultura (SEC)/UFPE. Pouco depois, sistematizou uma metodologia de alfabetização para jovens e adultos, com o intuito de integrar homens e mulheres na sociedade. Tal integração foi experienciada no Movimento de Cultura Popular (MCP) do estado, o qual Freire auxiliou e contribuiu como educador. Desde então, assumiu a direção das pesquisas sobre educação naquela instituição.

Enquanto professor, Freire, criou ideias e possibilidades para levar a educação de base para os diversos segmentos das camadas populares. Dedicou-se a educação de adultos de áreas desfavorecidas dos campos e das cidades. Para isso, usava seu método de alfabetização, o qual teve origem dentro dos MCP do Recife – a partir dos Círculos de Cultura. Os círculos de cultura do MCP discutiam os problemas cotidianos e da comunidade dos trabalhadores.

Nesse ínterim, Paulo Freire apresenta sua maneira de pensar o analfabetismo. De acordo com ele, os jovens e adultos eram pessoas capazes de aprender independente de sua idade ou condição social. Para Freire (1987) o homem necessitava ler e não ter este direito negado.

Preocupava-se com os altos índices de analfabetismo e com a falta de políticas públicas às camadas desfavorecidas das zonas urbanas e rurais. Dessa forma, Freire pensou um ensino por meio da conscientização. Nesta perspectiva, o autor defendia a conscientização por meio do diálogo e insistia em afirmar que o diálogo era o caminho para alcançá-la. Ao tratar da alfabetização em Freire, Jorge e Benedetti (2005, p. 29) nos atentam que,

a alfabetização é um tema recorrente na obra de Paulo Freire. Mas sua principal contribuição como um dos mais conceituados educadores do nosso tempo não é apenas a criação de um método de alfabetização de adultos, no início da década de 1960. [...] Freire deve ser entendido como um representante da concepção étnico-político pedagógica progressista que abrange a complexidade de uma prática pensada da educação em sua relação com a sociedade global brasileira e mundial.

Neste sentido, conforme sua dedicação na vida educacional, cultural e política na cidade, no estado e no país, foi nomeado pelo ministro Paulo de Tarso à presidência da Comissão Nacional de Cultura Popular. No ano seguinte, Freire foi promovido à coordenação do Programa Nacional de Alfabetização, pelo Ministério da Educação, para fazer uso de seu método de alfabetização de adultos. No entanto, em janeiro de 1964 o projeto foi interrompido pelo Golpe Militar. Neste contexto as autoras dizem,

impressionado com os resultados alcançados pelo Método Paulo Freire, na alfabetização de camponeses em Angicos (RN), o então Ministro da Educação, Paulo de Tarso C. Santos, convida Paulo Freire, em junho de 1963, para a coordenação do “Programa Nacional de Alfabetização”. As metas eram alcançar cinco milhões de brasileiros, em dois anos, e implantar em 1964, mais de vinte mil Círculos de Cultura. Mesmo que alguns governantes utilizassem a alfabetização apenas com objetivos eleitorais (os analfabetos não podiam votar), o “Método Paulo Freire” ia muito além, buscando apoiar a transformação dos analfabetos em sujeitos de sua própria aprendizagem, de seu próprio processo de conscientização, de seu protagonismo político, de seu projeto de vida. O golpe de 1964 interrompia o Governo de João Goulart e todas as suas propostas. O “Programa Nacional de Alfabetização” foi oficializado em 21 de janeiro de 1964 e extinto, pelo governo militar, em 14 de abril do mesmo ano (JORGE e BENEDETE, 2005, p. 24).

Essa interrupção foi bastante prejudicial para os que mais precisavam, o povo. E conveniente para alguns governantes. De acordo com Jorge e Benedetti (2005), em um curto período de tempo, Freire tornou-se conhecido pelas características e qualidades de suas propostas. Logo depois, o autor foi detido. Em outubro de 1964 Freire deixa o Brasil optando pelo exílio na Bolívia. Nesse período, viajou sob a guarda e proteção do próprio embaixador da Bolívia, o qual o conduziu até a cidade de Santa Cruz de La Sierra, o deixou, se despediu e retornou ao Brasil. Apesar de ter sido obrigado a renunciar seu trabalho com os brasileiros, Paulo Freire não deixou de viver a educação.

Após se refugiar na Bolívia, permanece por pouco tempo, devido um segundo golpe de Estado. Dessa forma, segundo Jorge e Benedetti (2005), Freire começou sua dura e longa

peregrinação de esilado. Em seguida, teve que ir para Santiago no Chile onde recebeu convites para atuar no Ministério da Reforma Agrária e na coordenação da campanha de alfabetização no campo e na cidade. No ano de 1965 o autor se reencontra com a família e volta a conviver com a esposa e os filhos, o que para ele era muito significativo. Tão importante quanto a sua família foi o seu trabalho desenvolvido no Chile, que se constituiu em um lugar que possibilitou a Freire colocar suas ideias em prática. Desse modo, viveu neste país até ser convidado para trabalhar nos Estados Unidos (EUA). O período no Chile foi também relevante e inspirador para a escrita de seus primeiros livros.

Conforme Jorge e Benedetti (2005), no ano de 1969, Freire sai do Chile devido os inúmeros convites para ir aos Estados Unidos. Nesse intervalo foi convidado para lecionar na Universidade de Harvard-EUA e logo, passa a dar aula sobre suas próprias reflexões. Freire apresenta que além de dar aulas nesta Universidade, viajou para várias partes dos Estados Unidos. Algumas vezes devido os inúmeros convites de outras universidades para dialogar com setores progressistas de camadas populares. Freire permaneceu neste país por 10 meses, onde deu forma definitiva ao livro Ação Cultural para a Liberdade. Escreveu também Educação como Prática da Liberdade, e já havia terminado o original da Pedagogia do Oprimido que só veio a ser publicado em setembro do ano seguinte.

Neste mesmo período, Freire foi convidado para trabalhar como conselheiro educacional do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). De acordo com o autor, foi uma possibilidade de trabalhar novamente e conviver com os oprimidos. Terminado o contrato com a Universidade de Harvard-EUA, Freire (2005) muda-se para Genebra e trabalha em conjunto com outros brasileiros. Pouco depois, funda o Instituto de Ação Cultural (IDAC) que tinha como objetivo prestar serviços educativos, principalmente nos países desfavorecidos.

Segundo Ana Freire (2006), Paulo Freire e outros brasileiros, a serviço do Conselho Mundial de Igrejas, visitaram muitos países, entre eles, Ásia, Oceania, América, com exceção do Brasil. Puderam ainda ir a África, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Cabo Verde. “Andarilharam” a serviço do CMI nos programas de educação e alfabetização. Em Guiné-Bissau, Freire recebe convite do Ministro da Educação para ser colaborador naquele país. Já na África reconhece como sendo um cenário diferenciado para a prática de suas experiências e de seus colaboradores.

Em 16 de junho de 1980, após dezesseis anos de exílio, Paulo Freire retorna ao Brasil para ficar definitivamente, agora com 57 anos de idade. Conforme as autoras Jorge e Benedetti (2005), Freire chega com imensa vontade de reassumir suas funções na Universidade Federal de Pernambuco. No entanto, naquele momento estava sendo impossível devido às condições políticas,

ainda difíceis, que o impediavam de voltar ao seu contexto de origem, Recife. Posteriormente Freire foi convidado para lecionar em outras universidades, recebeu formalmente o convite da reitoria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dessa forma, se mudou para o estado de São Paulo, para lecionar na universidade que vinha sendo um ambiente de resistência contra a ditadura. A partir daí empenhou-se ainda mais na educação popular e na formação de professores, bem como, na luta de classe de trabalhadores.

No dia 24 de outubro de 1986 morre sua primeira esposa, Elza Maia Costa Freire, professora primária. Conforme Jorge e Benedette (2005), Freire casou-se com ela antes de ter concluído seus estudos universitários. Companheira de longa data e com quem teve 5 filhos: Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Freire havia conhecido Elza em Jaboatão, quando foi convidado para lhe ministrar aulas particulares de língua portuguesa. Conforme o autor foi Elza, com seu gosto pela alfabetização de crianças que o estimulou no campo da educação dos adultos.

Dois anos após a morte de Elza, Freire abateu-se profundamente. Permaneceu assim até quando, reencontrou uma amiga de infância, Ana Maria Araújo, filha de Aluísio Pessoa de Araújo proprietário do Colégio Osvaldo Cruz, do Recife, onde Freire estudou de 1937 a 1942.

Ana Maria Araújo Freire (2006) escreveu uma biografia dedicada a Paulo Freire onde apresenta informações da época em que tinham uma relação de proximidade com ele. Terminados os sete anos de escola secundária, Ana Freire (2006) relata que ingressou em um curso de Engenharia em Pernambuco, mas uma mudança para a cidade de São Paulo a fez interrompê-lo. Posteriormente, voltou a estudar e graduou-se no curso de Pedagogia. Formada, lecionou numa escola de magistério e em seguida foi convidada a lecionar na instituição em que havia se formado.

Após assumir compromisso com o Departamento de Pedagogia da Faculdade de Moema, (onde se formou) no Estado de São Paulo, Ana Freire (2006) comprometeu-se em fazer um curso de mestrado. Foi então que solicitou ao coordenador do Programa e História da Educação, da PUC-SP que programasse o prazo para a feitura de sua dissertação. Segundo Freire (2006), o coordenador da PUC-SP “determinou” que seria orientanda de Paulo Freire, devido a temática de seu trabalho esta relacionada com o analfabetismo no Brasil.

Durante o processo de orientação de Ana Freire (2006), Paulo Freire perdeu Elza, e não mais teve disposição para trabalhar. No entanto, em maio de 1987, o trabalho de orientação com Ana Freire foi reiniciado. Em meio essa aproximação, enquanto aluna de mestrado de Freire, ela lhe promoveu imensa vontade de viver e de reescrever suas histórias, pouco tempo depois se casaram no Recife em cerimônia civil e religiosa.

Ademais, Jorge e Benedette (2005) constataam que o exílio no Chile tornou Freire politizado, até então, vivia empenhado na educação, em sua atuação, na pesquisa universitária e na extensão do

seu trabalho. Depois que Freire voltou ao Brasil contribuiu na fundação do Partido dos Trabalhadores. No ano de 1989 o partido conseguiu poder e o nomeou como Secretário de Educação da cidade de São Paulo. Jorge e Benedetti (2005) afirmam que Freire atuou integralmente, promovendo reformas em escolas e colegiados, no currículo escolar, na capacitação de professores e dos profissionais técnico administrativos. Andou pelo país convidado por alunos universitários de diferentes universidades. Jorge e Benedetti (2005) enfatizam que o autor não procurava fazer uma análise do Brasil e de sua realidade, e sim, compreender a educação no seu atual momento, dos mais jovens e daqueles mais velhos.

Em parceria com os movimentos populares, Freire cria o Movimento de Alfabetização da cidade de São Paulo (MOVA-SP). Logo depois, deixa de atuar como Secretário de Educação e passa a dedicar-se a escrita de livros e artigos, tendo como colaboradores os principais educadores da década de 80. Nesse momento, escreve livros autorais e em parceria com outros professores. Nesse ínterim, lecionou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e tornou-se membro do Júri Internacional da UNESCO. Freire participou durante toda a sua vida de fóruns, debates, concedeu entrevistas, participou de movimentos sociais progressistas. Recebeu prestígio e reconhecimento, entre estes, 39 títulos de *Doutor Honoris Causa* em diferentes países. E, no dia 2 de maio, aos 75 anos de idade, faleceu de um infarto agudo do miocárdio em São Paulo.

## 1.2 Obra de Paulo Freire

Paulo Freire ficou conhecido pelo mundo desde as origens, no Recife, até o Chile, os Estados Unidos, a Europa, a África e, novamente, o Brasil. Segundo Celso Beisiegel (2010), sua atuação como educador foi marcada pelo amplo trabalho na educação de adultos analfabetos o qual,

só começou a tornar-se conhecido no Brasil no início de 1963, quando o seu método de alfabetização de adultos foi divulgado em ampla campanha publicitária promovida pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte. O governo do estado empregara o método de Paulo Freire no movimento de educação de adultos analfabetos, então iniciado na experiência-piloto realizado em Angicos, cidade natal do governador Aluísio Alves (BEISIEGEL, 2010, p. 14).

A influente trajetória de Freire, de acordo com Beisiegel (2010), se destaca também a partir de sua interação intelectual com filósofos, sociólogos, educadores, políticos e pensadores. O autor, neste sentido, teve ativa participação na vida educacional como professor e militante, além de proporcionar reflexões de suas ideias e sua *práxis* em obras de sua autoria.

Entre os escritos produzidos e os estudos publicados está *Educação e atualidade brasileira*. O primeiro livro de Freire foi resultado de uma tese de Doutorado defendida em 1959, na Escola de Belas Artes da Universidade de Recife, hoje Federal de Recife. O livro apresenta as experiências

que Freire teve durante suas “andarilhagens” pelo Brasil, bem como, as condições históricas, que lhe deram origem. Ainda na década de 50 é condicionado pela época que vive, pelo meio social, o contexto cultural e os problemas que vivencia. Em verdade “suas ideias nascem com uma das expressões da emergência política das classes populares e, ao mesmo tempo, conduzem a uma reflexão e a uma prática dirigidas sobre o movimento popular” (FREIRE, 1967, p. 3).

Neste contexto, ocorre o golpe de estado e a mobilização social. O autor como produto do seu tempo, elabora ferramentas, formula problemas do meio social e tenta resolvê-los. Dessa forma, faz uma análise histórica, sociológica e política da sociedade. Refere-se às experiências do Movimento de Cultura Popular (MCP), desestruturado pela ditadura militar e às experiências com o seu método de alfabetização.

A introdução do livro *Educação e atualidade brasileira* foi escrita por Francisco C. Weffort. Traz também um poema de Thiago de Mello “Canção para os fonemas da alegria”, o qual foi escrito após ler esta obra de Freire, após sua prisão e exílio. Dividido em quatro capítulos, traz ainda ilustrações de telas do artista Francisco Brennand. Este mesmo livro foi publicado por outras editoras brasileiras e estrangeiras, entre elas, editora Cortez, de São Paulo em 2001. Editora Argentina no México e Buenos Aires em 2001. Paz e Terra, do Rio de Janeiro em 1967. New York em 1973, entre outras. Apesar de estar vivendo num período de instabilidade política (em 1964), Freire teve competência para desenvolver teorias de educação que representam a singularidade de sua prática.

Ainda no exílio, Freire publicou, *Pedagogia do oprimido*. Nesta obra, Freire nos conscientiza sobre a importância de uma sociedade menos dominadora. Essa pedagogia é sua obra mais conhecida e foi traduzida para mais de trinta idiomas, entre eles, português, inglês, francês, espanhol, italiano e alemão. *Pedagogia do oprimido* teve sua primeira publicação em língua inglesa nos Estados Unidos, em 1970.

*Extensão ou Comunicação* foi a terceira obra de Paulo Freire, escrita no Chile em 1968. Nesta obra, aborda a lógica de conceitos e do problema de comunicação entre o agrônomo e o camponês. No Brasil, sua primeira publicação se deu em 1971, dividindo-se em três capítulos: Aproximação semântica ao termo extensão; Extensão e invasão cultural; Extensão ou comunicação?. O livro, desse modo, faz uma análise do trabalho, o qual se ensinava erroneamente, ancorado no discurso ideológico que beneficiava o agrônomo.

Conforme Freire (1971), no meio rural não se possibilitava ao homem do campo a comunicação e sim a extensão de um saber acumulado, que logo era depositado. Neste sentido, Freire evidencia a necessidade da comunicação verdadeira e da reflexão sobre si mesmo, destacando a invasão cultural como o conhecimento passado do agrônomo para o homem do

campo. Descreve ainda o trabalho do agrônomo como educador, o qual deverá ser constituído pelo diálogo para auxiliar na profissionalização consciente e na formação da autonomia.

Em *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*, Freire apresenta a atualidade de seu pensamento, uma pedagogia crítica que contribui para desvendar as ideologias esquecidas na consciência das camadas populares. A obra é constituída por uma “Breve explicação”, um prefácio e doze ensaios. Segundo Freire, os textos foram escritos entre 1968 e 1974, publicados não só em português, mas em espanhol e inglês. Nela, Freire manifesta sua preocupação com o meio sócio-cultural e econômico. Assim como o contexto das camadas populares na busca da autonomia. O autor evidencia ainda a necessidade do conhecimento da realidade, bem como, um processo de ensino que proporcione o desenvolvimento da consciência para a liberdade.

*Cartas a Guiné-Bissau: Registros de uma Experiência em processo*. Conforme afirma Freire, Guiné-Bissau é um país da África Ocidental, o qual visitou e retratou experiências de seu trabalho. A obra, intitulada *Cartas a Guiné-Bissau: Registros de uma Experiência em processo* ressalta sua euforia ao pisar nas terras africanas. Nela, o autor aponta também a beleza natural, sua cultura e o ambiente africano. Composta por cartas que Freire escreveu ao Comissário de Educação e à Coordenação dos trabalhadores de alfabetização em Bissau. Todos foram escritos em Genebra, entre 1975 e 1976. Por meio da educação, Freire ajudou países em processo de libertação do colonialismo, entre eles, Guiné Bissau. Por meio das cartas é possível compreender a dificuldades desse processo, como também, as condições que o influenciaram.

*Educação e mudança*. A ideia central deste livro de Freire é a mudança. Nesta obra, o autor enfatiza a necessidade de mudar uma sociedade de oprimidos com vistas a uma sociedade de iguais. Como ponto de partida, visa à libertação do oprimido por meio da conscientização, para que desse modo, a consciência ingênua se torne uma consciência crítica e para que o sujeito se reconheça como ser histórico, conhecedor de seu papel na sociedade. Esse pequeno livro marca a volta de Paulo Freire ao Brasil, após um longo período de exílio. Publicado em 1976, nos oferece Prefácio, escrito pelo educador Moacir Gadotti e quatro ensaios escritos por Freire. O primeiro tem por título “O compromisso do Profissional com a Sociedade”, o segundo “A educação e o Processo de Mudança Social”. O terceiro “O papel do Trabalhador Social no Processo de Mudança” e o último “Alfabetização de Adultos e Conscientização”. Uma obra dessa é bastante relevante.

*A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. A leitura desse livro proporciona compreender que a educação é um ato político. Segundo Freire, a formação de sujeitos críticos se dá mediante a participação consciente no processo de alfabetização e pós-alfabetização, bem como, na construção de nossa sociedade. Composto por três artigos, trás uma palestra que foi realizada sobre a alfabetização de adultos e de bibliotecas populares. Nele, o autor manifesta suas

inquietações, abordando a temática da leitura e sua importância no processo de alfabetização. Os artigos que se completam são da conferência “A importância do ato de ler”, feita em 12 de novembro de 1981 no congresso Brasileiro de Leitura. Sua primeira edição foi publicada em 1987.

A obra *Educação na Cidade* foi publicada em São Paulo, pela editora Cortez, no ano de 1991. Reúne uma coletânea de entrevistas concedidas por Freire durante os primeiros meses em que esteve na Secretaria Municipal de São Paulo (SME-SP). Nela, o autor apresenta todo o seu esforço, junto a sua equipe da SME-SP. O livro trata de sua própria administração com o objetivo de atingir uma visão sobre os problemas enfrentados. De maneira idêntica, pretende por em prática as teorias que sempre defendia. Conforme o autor, a educação não soluciona todos os problemas da sociedade, no entanto, é uma das alternativas para solucioná-los. Neste sentido, Freire visa alcançar o progressivismo já defendido em suas outras obras.

*Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.* Quando Freire iniciou a escrita deste livro sentia necessidade de mais um texto para anexar à Pedagogia do Oprimido. O objetivo era mediar sobre seu famoso livro Pedagogia do Oprimido e sobre sua “andarilhagem” com ele pelo mundo. Em meio a suas análises, Freire se estendeu e percebeu ter escrito um novo livro. Nele, o autor recorda momentos vividos e reflexões feitas sobre sua própria história, a esperança pelas pessoas e por um mundo melhor. A obra não é dividida por capítulos, constitui-se em oito momentos, dos quais quatro contemplam assuntos relacionados às experiências, formação e suas inspirações para a construção de ideias. Pedagogia da Esperança foi publicada em 1992, no Rio de Janeiro, pela editora Paz e Terra. Embora seja um livro sem capítulos o autor promove reflexões e deixa clara a importância da educação da esperança para a concretude histórica e a prática pedagógica.

O livro intitulado *Política e Educação* de Paulo Freire é constituído por ensaios e conferências com temas variados. Quase todos foram escritos em 1992, na cidade de São Paulo. O livro contém palavras do próprio autor e temas que foram apresentados e discutidos em reuniões no Brasil e em outros países. Entre sua categoria de análise, Freire destaca o sistema educacional como processo de mudança da sociedade. Enfatiza também, o educador e a educadora como colaboradores fundamentais no processo de transformação. São onze ensaios que possibilitam ao leitor refletir sobre a prática-pedagógica e sobre a forma de compreender a história da educação.

A obra *Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis* foram elaboradas por Freire a partir de uma experiência com sua sobrinha Cristina. Ao ingressar na Universidade, Cristina desperta a curiosidade para conhecer a pessoa do tio que morava no exterior. Nesse período, Freire residia na Europa viajando e trabalhando no mundo a serviço do Conselho Mundial de Igrejas. Tio e sobrinha trocaram correspondências por muito tempo, porém, Freire só apresentou essa história em

livro cerca de dez anos depois. Nele, o autor relembra sua infância, as primeiras professoras, experiências profissionais, tempo de exílio entre outros elementos que marcaram sua vida. *Cartas a Cristina* é uma obra que promove compreender claramente o passado e o percurso feito por esse educador. Sua primeira publicação se deu em 1994. Edições mais recentes trazem algumas modificações feitas por Ana Maria Araújo Freire, entre elas, o título maior do livro e o título das cartas que possibilitam ao leitor uma leitura e compreensão mais clara. Neste sentido, a obra de Freire compõe Prefácio, introdução e dezoito temas em forma de cartas que respondem às indagações de Cristina e que servem para uma profunda reflexão acerca de diversos temas, inclusive sobre a construção do trabalho de Freire.

*Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, foi publicado em São Paulo, pela editora Olho d'Água em 1993. O livro é dividido em primeiras palavras e em seguida dez cartas com seus respectivos títulos. É de leitura simples, com palavras fáceis que demonstram conhecimento por parte do autor. Nele, Freire enfatiza a importância da profissão e o quanto é fundamental o uso do termo professor e professora. Conforme o autor, ser chamado de tia não é um problema, o que realmente não é certo é usarem esse termo para inibir as professoras e professores a buscarem seus direitos. Desse modo, Freire apresenta numa linguagem simples e crítica às ideologias a esse tratamento aparentemente afetivo "Tia" mas maléfico. Além de outras ideias sobre a importância de educadores e educadoras serem conscientes.

Em outubro de 1991 *À Sombra Desta Mangueira* foi publicada na cidade de São Paulo pela editora Olho d'água. Síntese de parte do pensamento de Freire. Nela o autor apresenta sua busca por uma educação que valorize os conhecimentos e a participação dos alunos no processo de aprendizagem. Não conformado com as injustiças sociais critica o neoliberalismo e sua compreensão ideológica, a qual manipula os sujeitos através de avanços tecnológicos. O autor promove ainda reflexões sobre o papel da educação no contexto social em que se vive. Destacando temas como o da esperança, gestão democrática, da fé e da dialogicidade.

*Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa* foi à última obra de Paulo Freire publicada em vida. Lançado na cidade de São Paulo, em 10 de abril de 1996, trata dos princípios educacionais freireanos, seus modos de pensar e fazer educação. Nos faz pensar sobre uma prática pedagógica progressista que vise a autonomia dos educandos. O livro é composto por poucas páginas, no entanto, apresenta ideias pouco vistas em suas outras obras. Contém orelha, dedicatória, prefácio, primeiras palavras e enunciado com três blocos, os quais informam: *Não há docência sem discência; Ensinar não é transferir conhecimentos e que Ensinar é uma especificidade humana*. Neste sentido, Freire convida educadores e educadoras a assumirem a passagem da curiosidade ingênua para uma curiosidade fundada no nosso jeito de pensar e de fazer

com autonomia e criticidade.

Ao escrever *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*, Freire retoma e discute a educação como prática criadora, as distorções causadas pela globalização e pelo neoliberalismo. Dividido em duas partes, o livro traz na primeira três cartas pedagógicas nas quais Freire critica a educação e o modo de educar. Na segunda parte, manifesta sua indignação sobre elementos que interferem no desenvolvimento de uma educação crítica e libertadora. As “Cartas Pedagógicas” constituem o último livro que Freire escreveu não sendo possível ser concluído devido sua morte em 1997. A obra foi publicada por Ana Maria Freire, sua segunda esposa, que tinha como intuito homenageá-lo. Ana Maria Freire inclui ainda um belíssimo poema, escrito por Freire na cidade de Genebra, em março de 1971. O poema é por ela considerado especial, devido sua escrita a punho realizado pelo próprio autor.

*Pedagogia dos sonhos possíveis* é um livro composto por diálogos, cartas, depoimentos e entrevistas de Freire, vivenciadas em diferentes momentos de sua carreira. Organizado por Ana Maria Araújo Freire, segunda esposa do autor, a qual seleciona os textos com muito cuidado e escreve as notas e a Apresentação da obra. Entre as temáticas do livro, encontra-se na quarta capa um manuscrito a que Ana Maria Freire faz questão de lembrar elementos da infância, adolescência e por fim dos sonhos do autor. Em seus escritos, Freire revela a necessidade de reconstruir uma sociedade menos desigual e elitista. Na perspectiva transformadora da história e em favor da libertação de homens e mulheres oprimidos.

*Pedagogia da tolerância* é outro livro que Ana Maria Freire organizou em homenagem ao autor. É também a obra mais recente de Freire, a qual traz uma linguagem poética séria e comprometida. Publicada pela primeira vez em 2004 é composta por oito partes: *Os nacionais; A africanidade; A ação cultural e a cidadania; Ensino-aprendizagem; Diálogos e discursos; Cartas; Testemunhos e Depoimentos de vida.*

Entre os livros falados de Freire está *Medo e Ousadia: O cotidiano do professor*. Escrita em forma de diálogo com a parceria do autor Ira Shor, foi lançada no ano de 1987 no Rio de Janeiro, pela editora Paz e Terra. Freire e Shor debatem sobre o cotidiano do professor e sobre outros assuntos relacionados à educação. Os autores evidenciam a necessidade de uma educação libertadora, que parta não de um ensino tradicional, mas de métodos libertadores.

Outro livro escrito em parceria com outros autores é a obra *Pedagogia: diálogo e conflito*, escrita por Freire com Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães em 1985. Publicada em São Paulo pela Editora Cortez, aborda questões em forma de diálogo sobre suas andanças pelo Brasil, o processo de conquista de seus direitos políticos, e a influência da educação neste processo. Outros destaques da obra são as perguntas colhidas durante suas “andarilhagens” pelo país, bem como, anúncios e

denúncias das quais eram convidados a se manifestar. A partir dessas questões os autores deram forma ao livro e suas respostas foram possíveis mediante suas experiências em debates, “da experiência em sala de aula, do movimento social dos educadores e de numerosas pessoas e organizações que estavam envolvidas na reconstrução do país, lutando por eleições diretas e por uma Constituinte livre e democrática” (GADOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 1985, p 9).

Podemos complementar essas leituras com livros, artigos, dissertações, teses etc., que Freire escreveu sozinho e em parceria com outros autores e educadores do Brasil e de outros países. Em virtude dessa interação, algumas obras foram publicadas em coleções e editoras diferentes.

Diante disso, destacamos que as afirmações de Freire e dos demais autores acerca da autonomia contribuem para a melhor compreensão desse fenômeno social que está sendo estudado. No próximo capítulo, apresentaremos o percurso que conduziu essa investigação. Assim, destacaremos o cenário e o contexto pesquisado.

## Capítulo 2

### Paulo Freire revelado em suas “Pedagogias”

O objetivo deste capítulo é apresentar as ideias das principais obras de Paulo Freire que foram consolidadas nessa pesquisa. Visando compreender o conceito de autonomia em Freire. As obras a que faz referência a pesquisa são *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Denominadas de campo da educação da trilogia das pedagogias de Paulo Freire. A opção em fazer uma análise mais detida dessas três é analisar a construção do conceito de autonomia em Paulo Freire, para pensar a formação dos sujeitos no atual contexto, bem como, identificar as contribuições deste autor para a concepção de uma sociedade emancipada.

Posteriormente, com o objetivo de explicitar as influências de Paulo Freire, serão apresentados alguns dos autores que o levaram a pensar o conceito de autonomia que aqui será destacado. Autores escolhidos por que tinham sintonia com o conceito de autonomia.

### 2.1 As principais reflexões de Freire presentes nas suas “pedagogias”

#### 2.1.1 Pedagogia do Oprimido

Pedagogia do Oprimido é a obra mais conhecida de Paulo Freire. Foi traduzida para mais de trinta idiomas entre eles, português, inglês, francês, espanhol, italiano e alemão. Nesta obra a opção do autor não foi nomear capítulos identificados, assim como os outros livros publicados. Este por sua vez contém uma subdivisão de temáticas, divididas em introdução, primeiras palavras e oito partes desenvolvidas no ano de 1967, no Chile.

Os três primeiros capítulos foram escritos em quinze dias, quando Freire estava de férias. Anteriormente o autor já havia pensado e os vinha registrando em fichas de ideias, além de discutilas com intelectuais por quase dois anos. Ao quarto capítulo, dedicou meses enquanto organizava suas ideias no campo da teoria política. Esta decisão partiu de um conselho de seu colaborador da temática da educação popular, Ernane Maria Fiore, que leu e escreveu o Prefácio da obra.

Pedagogia do Oprimido, que só veio ter sua primeira publicação em língua inglesa nos Estados Unidos, em 1970.

O prefácio da Pedagogia do Oprimido foi escrito pelo gaúcho de Porto Alegre, Ernani Maria Fiore, o qual foi professor de Filosofia da Universidade Federal na capital. Atuou de forma significativa em institutos de formação política e foi expulso da UFRGS em 1964. Nesse período, assim como Freire, buscou exílio no Chile devido ser alvo da ditadura militar.

Para compreender a produção teórica de Paulo Freire é necessário analisá-la junto a sua prática de vida. A percepção sobre sua época, seu momento histórico e suas propostas para uma pedagogia da libertação, “pensador comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa a existência” (1987, p. 9). Nesta obra *Pedagogia do Oprimido*, expõe seu saber sócio-pedagógico, como educador e o resultado de investigações feitas durante todos os anos em que esteve no exílio. Este livro tem ainda dois momentos distintos “o primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na *práxis*, com a sua transformação; o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação” (FREIRE, 1987, p. 41).

Desse modo, o livro de Paulo Freire (1987) *Pedagogia do Oprimido*, é um convite ao diálogo de educadores e educadoras com sujeitos de camadas desfavorecidas. No primeiro capítulo se refere à consciência opressora e a oprimida, como elas se constituem na realidade objetiva, evidenciando a humanização e a desumanização como realidade histórica. De maneira idêntica, pensa uma alternativa social que busca a superação da barbárie e conduza a formação humana e a afirmação da liberdade. Ao mesmo tempo, a proposta de *Pedagogia do Oprimido* se volta para a prática que se quer revolucionária que busca resgatar a liberdade das camadas populares.

Paulo Freire (1987) ao pensar uma educação libertadora possibilita compreender sua preocupação com as condições dos sujeitos de classes desfavorecidas, bem como, a evidencia se sua atuação em uma pedagogia de libertação popular. Para o autor, é necessário a inserção e o reconhecimento crítico dos oprimidos sobre esta realidade. Trata-se de repensar e dialogar sobre

a realidade que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual eles inclusive se alienam. Não é a ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (FREIRE, 1987, p. 34).

Neste sentido, é preciso buscar alternativas que promovam a superação da situação opressora, que conduza a liberdade e a formação humana dos sujeitos oprimidos. Para isso, é preciso o reconhecimento crítico desta situação, o limite que a realidade opressora lhes impõe. Ao

mesmo tempo reconhece que existe o “medo da liberdade”. Segundo Freire (1978, p. 34), “os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la”. Desse modo, conforme o autor, muitos oprimidos sofrem uma dualidade “enquanto tocados pelo medo da liberdade, se negam a apelar a outros e a escutar o apelo que se lhes faça ou que se tenham feitos a si mesmos, preferindo a gregarização à convivência autêntica” (FREIRE, 1987, p. 34-35).

Dessa forma, ao se referir a Hegel apresenta que os oprimidos “somente superaram a contradição em que se acham, quando o reconhecer-se oprimidos os engaja na luta por libertar-se” (FREIRE *apud* HEGEL, 1987, p. 36). Neste sentido, para os autores, não basta estabelecer uma relação dialógica com o opressor para estarem libertados, é necessário desvelar o mundo opressor e se entregar à *práxis* libertadora. Isto porque, a condição atual do oprimido não sensibiliza o dominador, pois, “o opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixem de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados” (FREIRE, 1987, p. 36).

Em seguida, no segundo capítulo, evidencia sua crítica a educação bancária, uma educação como prática de dominação, de controle, da ausência do diálogo e da comunicação. Conforme Freire, o objetivo desta educação é a manutenção da consciência ingênua do povo, da domesticação e da manutenção de uma cultura do silêncio. Freire (1987) ao mesmo tempo, apresenta a necessidade de superação desta educação bancária, por meio de uma educação que desenvolva o senso crítico e promova a libertação, que assegura aos oprimidos a consciência de sua história e de como enfrentá-la para superar a dominação.

Esta educação libertadora para Freire, implica uma visão dialética e problematizadora, que proporcione ao oprimido o desenvolvimento de sua consciência sobre o mundo. Dessa maneira, apresenta sua trajetória de vida, marcada durante o regime militar instaurado no Brasil. Nesta trajetória, dialoga com as lideranças e com educadores, enfatizando a importância da formação político-cultural libertadora como fundamentais para o exercício da autonomia.

Assim para o autor é preciso compreender a educação como um ato de intervenção no mundo. Em outras palavras, a educação é um direito de todos, no entanto, é possível verificar por meio de certas situações na prática que esse direito não vem sendo garantido, pois a educação se constitui como objeto de consciência dominadora. De acordo com o ele, em todas as épocas da humanidade o pensamento dominante é o pensamento das classes governantes. A escola por sua vez, sustenta esta forma de pensamento, por meio do Estado que produz e reproduz um currículo escolar que perpetua suas ideologias. Ideologia entendida aqui como:

uma concepção de mundo de determinado grupo social em uma circunstância histórica. Linguagem e ideologia são vinculadas, esta materializa-se naquela. Ideologia é inerente ao signo em geral. Sendo assim, diante de toda e qualquer palavra enunciada, procuraremos, procuraremos verificar qual (ou quais) ideologia a integram (FERNANDES, 2005, p. 29)

Novamente, é possível compreender sua concepção acerca da ausência da autonomia. Ao demonstrar que a educação precisa ser repensada e planejada da mesma forma que a sociedade. Segundo Freire, desde as primeiras atuações de nossa história a sociedade se desenvolve, numa forma antidualógica. Assim para ele,

ao receberem o mundo que neles entra, já são seres passivos, cabe à educação apassivá-los mais ainda adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados, para a concepção “bancária”, tanto mais “educados”, porque adequados ao mundo. [...] Quanto mais se adaptam as grandes maiorias às finalidades que lhes sejam prescritas pelas minorias dominadas, de tal modo que careçam aquelas do direito de ter finalidades próprias, mais poderão estas minorias prescrever. [...] A concepção e a prática da educação que vimos criticando se instauram como eficientes instrumentos para este fim. Daí que um dos seus objetivos fundamentados, mesmo que dele não estejam advertidos muitos do que a realizam, seja dificultar em tudo, o pensar autêntico. Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos”, no chamado “controle de leitura”, na distância entre educador e os educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há, sempre a conotação “digestiva” e a proibição ao pensar verdadeiro (FREIRE, 1987, p. 63-64).

Desse modo, o autor revela a dificuldade dos oprimidos de acessarem um ensino formador, bem como, a cultura e o seu meio. Freire (1987), como formador humanístico, pensa a educação como prática libertadora. Para ele, diferente da educação bancária o ensino deve partir de palavras geradoras, do universo do alfabetizando, para que possa objetivar o mundo e identificar-se como sujeito.

Com toda certeza, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (1987) não tem por intuito se impor contra a classe dominante, mas, resgatar a humanidade desta classe. Desse modo, sugere o rompimento da desigualdade social existente, por meio de uma visão libertadora e da conscientização da classe dominada. Sem dúvida, para o autor, a transformação da sociedade ocorrerá por meio da comunicação e das ações conjuntas dos oprimidos. Isto por que, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 52).

Dentro desta visão, no terceiro capítulo, Freire enfatiza que a ação dialógica deve ser uma constante para o desenvolvimento da consciência de classe. Tendo como objetivo, “proporcionar que os oprimidos, reconhecendo o *porquê* e o como de sua

aderência”, exerçam um ato de adesão à *práxis* verdadeira de transformação da realidade injusta [...] significa a união dos oprimidos a relação solidária entre si, não importa os níveis reais em que se encontram como oprimidos, implica esta união, indiscutivelmente, numa consciência de classe” (1987, p. 173).

Assim, apresenta que a mudança dessa situação deve gerar condições objetivas na busca da superação dessa opressão. Para isso, o autor apresenta a característica central de seu método, a dialogicidade da relação educando - educador, mediada pelo conhecimento que ambos possuem e problematizam. Conforme Paulo Freire (1987), a ação-reflexão é a identidade deste processo dialógico.

Além disso, no cenário nacional, para contemplar o diálogo é necessário um componente especial, a palavra. Para Freire, o discurso verdadeiro é a *práxis*, composta de ação e reflexão. Pois, o trabalho organizado sem a prática da linguagem se transforma em blá, blá, blá, em mero dinamismo, minimiza a reflexão. Neste sentido, Freire propõe mudanças no ensino tradicional e defende uma educação problematizadora. Em sua análise, evidencia que

a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tão pouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, e modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo *pronunciar*. [...] não no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, na ação-reflexão (FREIRE, 1987, p. 78).

Em todo o processo de ensino e aprendizagem esses aspectos devem ser considerados. Segundo o autor, é por meio do diálogo que os homens ganham significação no mundo, enquanto homens. Sendo o diálogo a união da ação-reflexão os sujeitos devem compreender que não são capazes de fazê-los sozinhos. De acordo com Freire (1987), é necessário que pronunciem juntos. Para ele, o diálogo é fundamental, assim como um ato de coragem, mas é necessária além da ação e da reflexão, a fé, o amor, a humildade e esperança entre os homens e as mulheres.

O autor destaca o diálogo como o caminho para o ser mais. Neste sentido, preocupa-se em como despertar a consciência de educandos e educandas durante a busca pela liberdade. Para a tomada de consciência, parte do seu método, investigando e considerando os conhecimentos prévios e interesses dos alunos, para que assim, elaborarem sua visão de mundo.

Durante a situação pedagógica, Freire (1987, p. 83) destaca que “o diálogo começa na busca do conteúdo programático”. Nesta perspectiva, afirma que

é na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto dos seus temas geradores (FREIRE, 1987, p. 87).

De acordo com Freire (1987), os temas geradores não saem do nada, eles surgem a partir de uma necessidade, é algo que está presente no espaço do educando. Chama-se gerador porque gera

aprendizagens, conhecimentos e ações. Nesse sentido, escolhe-se um tema local, regional, nacional, continental ou universal. Para levar o cidadão a pensar em questões que fazem parte do seu cotidiano. Para isso, “o que temos que fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível de ação” (FREIRE, 1987, p. 86).

Freire enfatiza também que a ação educativa e política não podem se restringir aos conhecimentos e críticas dos educadores, uma vez que os educandos são capazes de identificar as condições estruturais e pensar dialeticamente como elas se constituem. Neste sentido, educador e educadora devem possibilitar a comunicação entre eles e ser capaz de reconhecer que o ensino não deve ser bancário, exclusivo, mas um momento de diálogo como prática da liberdade.

Segundo o autor, este é o momento da investigação do educador e do educando, onde analisam uma situação existencial concreta, codificada, buscando no universo vocabular do aluno e no meio em que vivem palavras e temas sobre sua realidade. Na segunda etapa, Freire (1987) enfatiza que deve haver a descodificação da situação existencial. Esta por sua vez possibilita os significados do tema social, para que assim os educandos tomem consciência do contexto atual e do mundo vivido.

Freire, sempre interessado na formação humana do sujeito alfabetizado apresenta como necessária na terceira etapa a problematização, onde aluno e professor buscam superar a visão ingênua por uma visão mais crítica do mundo, para posteriormente transformá-lo. É quando o oprimido desvela o mundo opressor e se compromete em transformá-lo.

Desse modo, para Freire (1987, p. 98), “o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tão pouco na realidade separada dos homens”. O autor reênfatiza que os temas geradores só podem ser compreendidos nas relações homem-mundo. Pois, os temas existem nos homens em sua relação com o mundo.

Neste processo, é importante também que o investigador detecte o ponto de partida dos educandos, seu modo de identificar e de transformar a realidade. Para isso, devemos partir de uma análise dialógica, pois

o importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros” (FREIRE, 1987, p. 120).

De acordo com Freire é neste ato que se pretende desenvolver o processo educativo. Mais adiante, no quarto capítulo, se refere à liderança revolucionária e suas contribuições aos oprimidos e

esfarrapados do mundo. Mais uma vez, ressalta o diálogo como a essência da ação revolucionária. Para ele, a ação dialógica é a transformação da sociedade injusta, é a união para o desenvolvimento da consciência de classe.

De acordo com Freire (1987), a liderança revolucionária se diferencia da classe dominante, pensa para libertar, não para dominar. Diferente dos grupos populares que não conseguem ver o opressor, a liderança revolucionária (ou grupos progressistas populares) apoia uma política de conhecimento da opressão. Pouco depois, o autor apresenta que esta não pode repetir os procedimentos da elite opressora, porque “se a liderança revolucionária lhes negar este pensar, se encontrará, preterida de pensar também, pelo menos de pensar certo. É que a liderança não pode pensar *sem* as massas, *nem* para elas, mas com elas” (FREIRE, 1987, p. 128).

Neste sentido, ao pensar o processo de transformação da sociedade, Paulo Freire evidencia que a problemática são os homens, a humanização e a desumanização, o que o autor define como o “ser mais” e o “ser menos”. Assim para ele,

a desumanização que não se verifica apenas nos que têm a sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível, porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos. A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos ao buscarem recuperar a sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam de fato opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade de ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos - libertar-se a si e aos opressores (FREIRE, 1987, p. 30).

A perspectiva apresentada demonstra a existência de alguns objetivos, como a humanização e a desumanização; opressor e oprimido; dominador e o dominado. Partindo desse pressuposto, é possível perceber como Paulo Freire (1987) era consciente dessas desigualdades, neste sentido, enfatiza a importância da participação do homem na luta pela sua humanização. Para isso, evidencia que os sujeitos deveriam estar conscientes da condição social existente, de quem é o opressor e de quem é o oprimido. Nesta perspectiva, apresenta ainda que devam partir de uma análise dialógica sobre o homem e o seu tempo, procurando diferenciar opressão e dominação.

O lugar teórico de onde partimos apresenta os princípios de Paulo Freire (1987) e o seu posicionamento interacionista acerca das camadas populares. Nesse sentido, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* o fio condutor da discussão é a conscientização do homem, como ser humano, capaz

de compreender a opressão social existente. Em meio aos seus relatos, o discurso é direcionado para a educação, afirmando que ela é uma ferramenta de transformação. A proposta do autor neste sentido, contribui para repensar a relevância da educação como elemento de formação e aquisição da autonomia na sociedade, em especial, das camadas populares.

A obra é composta ainda por trinta e nove notas de rodapé que aparecem ao pé das folhas. Algumas dão referência a autores e citações bibliográficas do livro, enquanto outras têm a finalidade de comentar uma parte do texto, prestando esclarecimentos sobre o que foi mencionado.

### **2.1.2 Pedagogia da Esperança**

A obra *Pedagogia da Esperança* é um livro que recupera a história vivida por Paulo Freire (1992) e os temas que envolvem a *Pedagogia do Oprimido*, a qual apresenta o processo de construção e desenvolvimento de sua teoria. É dividida em sete partes, primeiras palavras e cinquenta e duas notas de fim. Para aclarar alguns pontos tocados o autor convida Ana Maria Araújo Freire a escrever notas explicativas as quais melhor explicam detalhes aos leitores sobre a leitura de seu livro.

As primeiras partes desta obra foram escritas para serem anexadas a *Pedagogia do Oprimido*. Freire tinha como objetivo esclarecer dúvidas, confessar que aceitava críticas em torno de um certo machismo, mediar sobre seu famoso livro e sobre sua andarilhagem com ele pelo mundo. Em meio a suas análises, se estendeu e percebeu ter escrito um novo livro. Nele, o autor recorda momentos vividos e reflexões feitas sobre sua própria história, a esperança pelas pessoas e por um mundo melhor. A obra contempla ainda um contexto relacionado às experiências, formação e suas inspirações para a construção de ideias. Ao escrever este livro, Paulo Freire repensa também a alma e o corpo de *Pedagogia do Oprimido*. Desse modo, o autor afirma,

minha preocupação neste trabalho esperançoso, como tem demonstrado até agora, vem sendo mostrar, excitando, desafiando a memória, como se estivesse escavando o tempo, o processo mesmo como minha reflexão, meu pensamento pedagógico, sua elaboração, de que o livro é um momento, vem se constituindo. Como vem se constituindo meu pensamento pedagógico, inclusive nesta *Pedagogia da esperança*, em que discuto a esperança em que escrevi a *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 1992, p. 65).

O livro *Pedagogia da Esperança* dialoga com sua história de vida, além de provocar reflexões sobre nossa realidade, afirmando a atualidade de sua pedagogia. No momento em que Freire (1992) retoma o processo de gestação da *Pedagogia da Esperança*, retoma ainda uma situação que vivenciou em um encontro realizado pela Organização das Nações Unidas para a

Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em Paris, no qual um dos participantes latino-americano criticava sua politização exagerada. Segundo Freire, este companheiro de militância mantinha uma desesperança por conhecer as razões históricas, econômicas e sociais do Brasil. Neste sentido, Freire (1992) relata compreender que sua desesperança o inviabilizava, mas como educador progressista, procurava desvelar as possibilidades, não importando os obstáculos que surgiam. Assim, o próprio autor nos diz,

não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. [...] não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída (FREIRE, 1992, p. 10).

Freire (1992) em sua história de intelectual, manifesta seu comprometimento e sua esperança com as classes populares. O autor constantemente evidencia a necessidade da esperança por acreditar que é uma forma de superar as injustiças do mundo e que sem ela o mundo não se transforma. De acordo com ele,

sem o mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desavora, se desdереça e torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a precisão de uma certa educação da esperança (FREIRE, 1992, p. 11).

Na primeira parte do livro apresenta ainda a urgência da democratização da escola pública progressista, além de uma formação constante de professores e professoras e os demais que compõem a equipe da escola. Dessa forma, para Freire (1992), se fazem necessários uma formação científica e permanente, que vise à prática democrática e a inclusão dos alunos e de suas famílias.

Assim para Freire (1992) “não era a minha posição ontem e não é a minha posição hoje. E hoje, tanto quanto ontem, contudo possivelmente mais fundamentado hoje do que ontem, estou convencido da importância, da urgência da democratização da escola pública, da formação permanente de seus educadores e educadoras entre quem inclui vigias, merendeiras e zeladores” (p. 23).

Para a construção do conhecimento e da liberdade das camadas populares, apresenta que a escola deve promover um trabalho dialógico e coletivo, promovendo o ato de aprender com sentido. Evidencia também a necessidade da participação dos educandos desfavorecidos, da valorização de sua identidade de seus conhecimentos acumulados.

Além de demonstrar a atualidade de sua obra, Freire (1992) demonstra a importância de

pensar e agir na sociedade. O autor, neste sentido, visa à humanização do ser humano, por meio de uma educação dialógica que promova o pensar sobre os problemas concretos e sua existência. De acordo com Freire (1992), uma das tarefas do educador ou educadora progressista é desvelar com seriedade a mudança da realidade. Ao se referir ao processo de aprendizagem, enfatiza que o conhecimento deve ser descoberto, construído e não copiado ou depositado. Desse modo para Freire (1992), é necessário que a esperança tenha seu espaço na educação, para que, discipline as dores e os sentimentos dos sujeitos das camadas desfavorecidas, impedindo que a desesperança prevaleça sobre suas vidas.

O autor destaca também recordações dos momentos vividos, proporcionando uma análise de sua vida. Freire (1992) aborda ainda aspectos de sua infância, juventude e começo de seu amadurecimento, até mesmo, o início de sua carreira no SESI. Conforme o autor é nesse período de sua vida que a Pedagogia do Oprimido começa a aflorar. Nessa direção, Freire nos diz,

trabalhava então no SESI e, preocupado com as relações entre escolas e famílias, vinha experimentando caminhos que melhor possibilitassem o seu encontro, a compreensão da prática educativa realizada nas escolas, por parte das famílias; a compreensão das dificuldades que as famílias das áreas populares, enfrentando problemas, teriam para realizar sua atividade educativa. No fundo, buscava um diálogo entre elas de que pudesse resultar a necessária ajuda mútua que, por outro lado, implicando uma intensidade maior da presença das famílias nas escolas, pudesse ir aumentando a conotação política daquela presença no sentido de abrir canais de participação democrática a pais e mães na própria política educacional vivida nas escolas. [...] Às vezes, enquanto os ouvia, nas conversas com eles, em que aprendi algo de sua sintaxe e de sua semântica, sem o que não poderia, com eficácia, ter trabalhado com eles, me perguntava se não se inteiravam de quão pouco livres realmente eram (FREIRE, 1992, p. 20-22).

Neste sentido, Paulo Freire salienta que os trabalhadores viviam uma enorme contradição, por acreditarem serem livres quando na verdade eram roubados e explorados por aqueles que forneciam seus instrumentos de trabalho. Nessa lógica, Paulo Freire (1992) nos atenta, “o meu reencontro com a obra Pedagogia do Oprimido não tem o tom de quem fala do que já foi, mas do que está sendo” (FREIRE, 1992, p. 13). No que se refere a essas relações autoridade-liberdade, o autor trata também das relações dialógicas, manifestando sua preocupação com o estabelecimento das relações entre pais-filhos, alunos-professores. Nessa direção Paulo Freire apresenta,

de minhas preocupações, na época, tão válida ontem quanto hoje, era com as consequências políticas que uma tal relação pais-filhos, alongando-se depois na relação professores-alunos, teria com vistas ao processo de aprendizagem de nossa incipiente democracia. Era como se família e escola, completamente subjugadas ao contexto maior da sociedade global nada pudessem fazer a não ser reproduzir a ideologia autoritária (FREIRE, 1987, p. 22).

Assim, para Freire (1992), o modo de agir educativo deve ser reformulado com urgência, destacando o ato de conscientizar pela educação. Isto porque, essa compreensão crítica sobre o mundo falta às classes populares. Para Freire é necessário que os sujeitos tenham consciência de sua

história, para que desse modo, se tornem conscientes da sua autonomia, dos seus direitos, dos seus deveres e da sua participação e inclusão na vida comum em sociedade. Conforme o autor, o povo com estudo, se torna cidadão ciente dos seus direitos na sociedade.

Diante dessas circunstâncias, Paulo Freire (1992) insiste na necessidade de reconhecer o influente papel que tem o professor, o qual se volta para a responsabilidade social e política, ensinando as massas populares a aprenderem com a própria democracia, os quais são capazes de alfabetizar para a vida.

Com toda certeza, as experiências de Paulo Freire (1992) contribuíram para ele compreender o mundo. Assim sendo, uma parte significativa desta obra recupera a história vivida por ele, baseada pelas mesmas tramas que teve origem a Pedagogia do Oprimido, bem como, os fatos e acontecimentos que participou ou que vinha participando até àquele momento de sua vida. Neste sentido, Paulo Freire traz elementos sobre a Pedagogia do Oprimido, conforme consta:

O livro apareceu numa fase histórica cheia de intensa inquietação. Os movimentos sociais na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina, em cada espaço-tempo com suas características próprias. A luta contra a discriminação sexual, racial, cultural, de classe, a luta em defesa do ambiente, os Verdes, na Europa. Os golpes de Estado com a nova face, na América Latina, e seus governos militares que se alongaram da década anterior. Os golpes de Estado agora ideologicamente fundados, e todos eles ligados de uma ou de outra maneira ao carro-chefe do Norte, na busca de viabilizar o que lhe parecia dever ser o destino capitalista do continente. As guerrilhas na América Latina; as comunidades de base, os movimentos de libertação na África, a independência das ex-colônias portuguesas, a luta na Namíbia, Amílcar Cabral, Julius Nyerere, sua liderança na África e sua repercussão fora da África. A China. Mao. A Revolução Cultural. A extensão viva do significado de maio de 1968. As lutas político-sindicais e pedagógico-sindicais, todas obviamente políticas, sobretudo na Itália. Guevara assassinado na década anterior e sua presença como símbolo não apenas para movimentos revolucionários latino-americanos, mas também para lideranças e ativistas progressistas do mundo todo. A guerra do Vietnã e a reação no interior dos Estados Unidos. A luta pelos direitos civis e o transbordamento do clima político-cultural dos anos 60, naquele país, para a década de 70 (FREIRE, 1992, p. 121).

Ao fazer essa citação, Freire (1992) apresenta diversas implicações e desdobramentos sobre “algumas das tramas históricas sociais, culturais, políticas, ideológicas que tinham a ver, de um lado, com a curiosidade que o livro despertava, de outro, com a leitura que dele se fazia também, de sua aceitação. De sua recusa. De críticas a ele feitas” (FREIRE, 1992, p. 121). Essa forma de compreender o mundo possibilitou a Freire (1992) reconhecimento mundial, além de andarilhar por outros países a convite de universidades, de estudantes universitários e de operários para discutir pontos teórico-práticos do livro.

### 2.1.3 Pedagogia da Autonomia

A *Pedagogia da Autonomia* foi à última obra de Paulo Freire em vida, lançada em 10 de abril de 1997 na cidade de São Paulo. Este livro contém orelha, dedicatória, prefácio, primeiras palavras e enunciado com três blocos, os quais informam que não há docência sem discência; ensinar não é transferir conhecimentos e que ensinar é uma especificidade humana. O trabalho desse modo se fundamenta em propostas de práticas pedagógicas necessárias a educação. Apesar de possuir poucas páginas, apresenta ideias pouco vistas em outras de suas obras.

Em *Primeiras palavras*, aborda a questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a própria prática progressista. Destaca a necessidade da busca pela autonomia do educando, o respeito por suas experiências e por seus conhecimentos prévios. Neste sentido, Freire (1996) reinsiste em que formar é muito mais do que treinar o educando no desempenho de habilidades, sobre isto, convida educadores e educadoras a deixarem sua visão ingênua da realidade e passar a ter uma visão racional e crítica, um conhecimento mais elaborado sobre o contexto e a realidade de seu trabalho em sala de aula.

Freire (1996) dedica o trabalho impresso a sua segunda esposa Ana Maria Araújo Freire, a Fernando Gasparian, a Admardo Serafim de Oliveira, a João Francisco de Sousa, Eliete Santiago e outros companheiros de luta pela liberdade.

No livro *Pedagogia da Autonomia* verifica-se que no que decorrer de sua vida, Freire (1996) estudou teorias nas quais ele conseguiu aplicar e vivenciar no seu dia a dia, principalmente na educação de jovens e adultos. Desse modo, destaca questões como a formação do aluno, a inconclusão do ser humano e a ética universal, aquela “que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe” (FREIRE, 1996, p. 16).

Freire (1996) trata de forma simples os saberes necessários à prática pedagógica progressista, evidenciando seus modos de pensar e fazer educação, bem como, sua presença no mundo. A obra dessa forma auxilia na avaliação das práticas educativas para transformá-las na direção, do que Freire chama “pensar certo” ou construção da escola popular democrática. Do ponto de vista do autor, pensar certo significa o respeito ao senso comum no processo de ensino e aprendizagem. Para que desse modo, o aluno se sinta estimulado e desenvolva suas capacidades.

De igual modo, Freire (1996) proporciona uma reflexão crítica sobre a relação teoria/prática, enfatizando que no trabalho pedagógico, independente da opção política dos professores há um processo que deve ser considerado o “de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

De acordo com o autor, ensinar não consiste em treinar alunos depositando neles conteúdos

sem nenhum sentido, o que considera uma educação bancária. Considerando o perfil socioeconômico dos alunos de camadas populares, destaca a necessidade de um ensino formador fundado na educação progressista, na consciência crítica e na valorização do dia a dia do educando, para que desse modo, se reconheça como sujeito no processo cultural e histórico.

Em sua análise, Freire (1996) enfatiza também que “não há docência sem discência”, visto que a educação se materializa na relação entre o professor e o aluno. Segundo Freire (1996), professor e aluno são sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem, não se reduzem a meros objetos no processo de ensino e aprendizagem. Desta maneira, a prática educativa é essencial a todos os educadores, uma vez que um aprende com o outro.

Assim, vemos um grande desafio posto à escola, que é a instrumentalização dos educandos ao longo de sua formação por meio da interação com os educadores. Para Freire (1996) é fundamental discutir alguns saberes à prática educativa-crítica, a prática progressista. Isto por que, “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria /Prática sem a qual a teoria pode ir virando um blá, blá, blá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p. 22).

De acordo com este educador, embora o professor seja um grande pesquisador e dominador dos conteúdos isso não o torna superior. Freire (1996) apresenta que no processo de aprendizagem ambos são sujeitos importantes na construção do saber. O professor aprende enquanto ensina e os alunos ensinam enquanto aprendem e esta regra deve ser percebida pelos educandos. A prática de que ensinar é aprender e aprender é ensinar.

É preciso ainda lembrar que ensinar para Freire (1996) exige criticidade, tanto do professor quanto a criticidade a ser gerada no educando. Assim, para ele, “quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”, sem o qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto” (p. 24-25).

Portanto, quando se buscar aquilo que é fruto da razão e do conhecimento cientificamente comprovado, quando se pesquisa, se está estudando e aprendendo de forma epistemológica. Conforme o autor, dentro das disciplinas existem fundamentos cientificamente comprovados, porém não se deve aceitá-los passivamente. É necessário analisá-los, debatê-los para desenvolver a criticidade epistemológica.

O autor enfatiza também que a epistemologia não diz respeito a memorizar o conteúdo, à observação. Vai além, é um olhar desconfiado sobre àquele objeto estudado. Para Freire (1996), mesmo àquilo que foi cientificamente bem fundamentado precisa ter um olhar de desconfiança sobre o objeto de aprendizagem. Partindo dessa premissa, ensinar para ele “exige rigorosidade metódica”, pois,

[...] educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a

capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo (FREIRE, 1996, p 26).

Para Freire (1996), o rigor metodológico representa a fidelidade do professor com os princípios de ensino e na medida em que a prática segue métodos se distancia do ensino de depósito bancário. Desse modo para ele, ensinar exige desenvolver o senso crítico do aluno e neste processo, cabe ao professor, orientá-lo por meio da pesquisa e do diálogo. Em seu entender a pesquisa deve ser valorizada e usada neste processo, por se tratar de um instrumento investigativo no qual o educando vai compreender o sentido dos fenômenos e também por que “não existe ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1996, p. 29).

Levando em conta esses aspectos, a busca pela pesquisa faz parte na natureza da prática docente para evitar que o educador se torne ultrapassado. Nessa direção, a aquisição de novos conhecimentos é fundamental para conduzir o educando de modo que este deixe de ter uma visão ingênua do senso comum e passe a ter uma visão crítica racional, um conhecimento mais elaborado da realidade. De acordo com Freire, este é o maior desafio da educação a busca do novo – novos conceitos, novas estruturas de pensamento - por meio do diálogo. Para que, desse modo, os educandos quebrem as ideologias impostas pela classe dominante na sociedade.

Assim, para o autor faz-se necessário a prática docente se constituir pelo diálogo. Neste processo, ensinar exige dialogar com os educandos, valorizando seus conhecimentos prévios e a sua identidade. Em sua pedagogia, Freire (1996) defende que o professor deve ser crítico, mas também humilde, considerando os saberes construídos pelos alunos nas comunidades e demais locais onde moram.

Constantemente em sua obra, Freire apresenta a importância do dialogismo no processo de comunicação. Para ele, o uso da linguagem é o núcleo desta Pedagogia, por se constituir na palavra, processo fundamental para a consciência de mundo e de si mesmo como ser inacabado. Nessa direção, insiste na necessidade do educador desenvolver o senso crítico dos educandos, bem como, possibilitar que os estudantes percebam que *ensinar não é apenas transferir conhecimentos*. A esse respeito, Freire (1996) afirma que,

o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada a ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível (FREIRE, 1996, p. 13).

O autor evidencia ainda a natureza ética da política educativa. Neste contexto, o livro se encontra permeado

da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar a rigorosidade ética. [...] Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado que se curva ao obediente aos interesses do lucro. [...] Não falo, obviamente desta ética. Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano (FREIRE, 1996, p. 9).

Na visão do autor, a ação educativa deve ser conduzida com uma pedagogia fundada na ética e no respeito ao educando. Assim, para Freire (1996), a contribuição dos estudos se dá à medida que o educador constitui uma convivência amorosa com seus alunos e o ato de ensinar. Desse modo, Freire considera que o ensino é uma prática democrática, “ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vão sendo desvalados. É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças” (FREIRE, 1996, p. 7). A esse respeito, o autor discute a organização da formação docente e alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista.

Nessa linha, Paulo Freire (1996) promove ainda a valia que tem o papel do professor. Ao mesmo tempo, manifesta sua contrariedade à função do educador autoritário, àquele que não permite a participação do educando e a manifestação de suas vivências adquiridas no decorrer da vida e do seu meio em sociedade. Para o autor, ensinar exige respeito aos conhecimentos prévios e a capacidade criadora do educando, sobretudo os das classes populares. Assim para ele, é preciso lembrar que,

não é possível respeitar aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. [...] Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isso exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se inverte uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo [...] Esta avaliação crítica da prática vai revelando a necessidade de uma série de virtudes ou qualidades sem as quais não é possível nem ela, a avaliação, nem tampouco o respeito do educando (FREIRE, 1996, p. 26).

A obra *Pedagogia da Autonomia*, dessa maneira retrata a necessidade de uma reflexão crítica e permanente sobre a prática pedagógica. Neste sentido, nota-se o compromisso do autor, como

também, sua preocupação com o cotidiano do professor e da professora dentro e fora da sala de aula. Freire (1996) oferece ainda condições para os professores refletirem sobre a escola, a educação e o processo de ensino e aprendizagem. Uma reflexão necessária sobre as inúmeras dificuldades no sistema educacional e o papel da escola na sociedade.

Do mesmo modo, a obra retrata o discurso inteligente para a ação pedagógica, a formação dos sujeitos de camadas populares e a forma de promover a ética na humanidade. Freire (1996) neste sentido apresenta a prática pedagógica como campo fundamental para a formação social, cultural e humana, bem como, a constituição da autonomia no processo histórico do qual se faz parte.

Assim, vemos que após analisar e refletir as carências que se manteriam, Freire (1996) vai apresentando subsídios e condições para compreendermos o processo de ensino e aprendizagem. Nessa direção, o autor evidencia que *ensinar exige assunção da identidade cultural*. Desse modo, insiste na necessidade do educador ajudar a construir uma identidade cultural - individual e coletiva - valorizando as experiências prévias dos educandos e sua realidade, bem como, seus conhecimentos informais com os conhecimentos oferecidos na escola. Para que assim os educandos vivenciem a realidade, assumam a realidade e se identifiquem na realidade.

No segundo capítulo referindo-se a perspectiva progressista, Freire (1992) apresenta que ensinar não é transmitir conhecimento. Freire (1996) retoma também a forma de ensinar e a relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem. Destacando o professor como organizador da ação educativa, os alunos como sujeitos participantes, a escola como currículo de cultura e a sala de aula como espaço dialógico. Conforme o autor, todos esses aspectos influenciam diretamente na atuação profissional dos educadores, por isso, reforça que *ensinar não é transmitir conhecimento*, mais, “criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.47).

Aborda desse modo, a importância dos educandos se perceberem como sujeitos inacabados, capazes de resgatar sua autonomia enquanto sujeitos que devem atuar no mundo e na sociedade. Com base nesses aspectos, nota-se que sua preocupação é estabelecer sobre a escola a reflexão crítica sobre a realidade mediante a participação e a inserção de todos das camadas populares. Para isso, enfatiza a necessidade de se ter consciência da realidade que promove a desigualdade. Refletindo de forma ampla para adquirir a compreensão e promovendo a transformação. Reconhecendo-se como indivíduo na sociedade, bem como, sua condição de dominado e a base que domina as camadas populares.

Ao tratar de questões ideológicas que se encontram presentes na escola e nas práticas educativas destaca que o professor deve ser um mediador, capaz de ensinar que a condição de dominado pode ser transformada. Desse modo, Freire (1996) apresenta que a educação torna os

sujeitos capazes de transformar fatores que ocultam a verdade dos fatos. Do contrário, uma pessoa com baixa instrução ela não tem condições de reconhecer essa dominação. Aceita essa dominação passivamente, os baixos salários, a exploração, os serviços de má qualidade, a imposição de regras desiguais, bem como as incoerências do estado neoliberal. Neste sentido, reforça o trabalho docente como fundamental na atuação efetiva sobre a realidade estudada.

De acordo com Freire (1996), a escola deve proporcionar condições para que os educandos superarem os desafios presentes na sociedade. Assim, para ele, na passagem da ingenuidade para a criticidade o educador e a educadora devem entender que *ensinar exige consciência do inacabado* pois o homem é um ser inacabado. Isso significa dizer que tudo é inacabado e o homem está sempre se reconstituindo, assim como, seus conceitos, suas aprendizagens e a realidade social que é sempre construída e reconstruída. De acordo com o autor, conforme surgem novas gerações esses conceitos e aprendizagens vão se agregando a herança cultural na história das sociedades.

Nessa perspectiva, Freire (1996) destaca ainda que *ensinar exige respeito à autonomia do aluno*. Sobre isto, apresenta que para que o aluno se torne um sujeito ativo e compreenda que as palavras compõem os discursos que o rodeia é necessário que interaja junto ao professor. Da mesma forma exige reflexão, refletir a realidade para então pensar na transformação. O professor deve também ajudar a comunidade a reconhecer seus problemas existentes e locais, para que juntos trabalhem em prol dessas mudanças. Para esse autor, ao instruí-los, a própria investigação se converteria em ação, em intervenção social possibilitando a todos a mobilização, a criticidade e uma ação efetiva sobre a realidade.

## **2.2 As principais influências na obra de Paulo Freire**

Foram várias as influências sofridas por Freire, pois ele foi um leitor ávido e transitava em diversas áreas do conhecimento. Não se pode negar que há muita autenticidade no pensamento de Paulo Freire, uma vez que sua obra surge a partir de suas experiências vividas com diferentes pessoas e lugares. Assim, sua obra é construída a partir de sua reflexão e sensibilidade social empenhando-se em libertar o homem oprimido. Freire também foi um leitor insaciável e assim como seu método, ele dialoga com diferentes áreas do conhecimento e diferentes autores.

Portanto, seu pensamento baseia-se no humanismo, no existencialismo e no neomarxismo, conforme afirma Jorge e Benedette (2005) é uma síntese pessoal, ou seja, a origem de Paulo Freire é seu próprio pensamento. Assim, ao apontar os autores que o inspiraram poderemos limitar a

amplitude de suas leituras e predileções, mas nos arriscaremos em mencionar algumas possíveis inspirações, pois Freire se aproxima do pensamento neomarxista, pois sua doutrina se enquadra na luta contra a alienação e contra a massificação do homem.

Desse modo, Paulo Freire apresenta além dos significados de sua realidade um conjunto de autores nas obras *Pedagogia do Oprimido*, onde traz: Friedrich Hegel, Pierre Furter, Vieira Pinto, Hans Frayer, Karel Kosik, Maria Edy Pereira, Lucien Goldmann, Wrigt Mills, Nicolai, José Luis Fiori, Karl Marx, M. Giddy, Niebhur, Lênin, bispo Split, Francisco Weffort, Louis Althusser, Camilo Torres, Erich Fromm, Albert Memmi. Em *Pedagogia da Esperança* na qual cita: Karl Marx, George Lukács, Erich Fromm, Antonio Gramsci, Frantz Fanon, Albert Memmi, Jean- Paul Sartre, Karel Kosik, Agnes Heller, M. Ponty, Simone Weill, Hannah Arendt, Herbert Marcuse. E na obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*, apresenta: Françõis Jacob, Neil Postman, Davi Crystal, Karl Marx, Friedrich Engels, Regina L. Garcia, Victor V. Valla.<sup>1</sup>

Nota-se desse modo que nestas três obras Paulo Freire estabeleceu diálogo com os mesmos autores, Erich Fromm, Karl Marx, Karel Kosik e Albert Memmi. Intelectuais e filósofos que discutem questões científicas e do cotidiano. Do conjunto da obra, destes quatro autores, me dediquei mais a estas: *A revolução da esperança: Por uma tecnologia humanizada* (FROMM, 1968), *Dialética do concreto* (KOSIK, 1976), *Manuscritos econômicos - filosóficos e outros textos escolhidos* (MARX, 1987) e *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (MEMMI, 1977). Portanto, estes autores serão apresentados considerando a perspectiva de sujeitos autônomos como processo de significados para Freire em suas obras *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa*.

O filósofo e sociólogo Karel Kosik (1976) nasceu em 26 de junho de 1926 na cidade de Praga, atualmente capital de Tchécoslováquia. Filho de operários se envolveu desde cedo em movimentos político-sociais e logo se filiou ao Partido Comunista Tchecoslovaco. Na década de cinquenta e ao longo de anos de guerra, Kosik (1976) participou ativamente com um grupo de resistência clandestina antinazista. Desde a juventude defendia o socialismo humanista. Segundo Lima (2011, p. 9-10):

Kosik estudou filosofia e sociologia na Universidade Charles, em Praga, onde conheceu o fenomenólogo tcheco Jan Patočka, que lhe iniciou nos estudos da fenomenologia de Edmund Husserl e Martin Heidegger. Em 1947, Kosik continuou seus estudos na universidade de Leningrado, onde permaneceu até 1948, e, no período de 1949 a 1950, concluiu seus estudos na universidade de Moscou, retornando em seguida a Praga para a defesa de sua tese de doutoramento.

---

1 Estes autores aparecem citados nas obras de Freire elencadas nesta pesquisa. No entanto, nem sempre há uma obra específica de cada autor. Desse modo, foram completados apenas os nomes dos autores citados nos livros de Paulo Freire.

Desse modo, tornou-se intelectual e ao longo de sua vida produziu ensaios em revistas e uma coletânea sobre a história da Democracia Radical Tcheca. Após os trinta anos de idade e com maturidade como filósofo, escreveu o livro *Dialética do Concreto*, considerado seu trabalho filosófico mais importante. A obra foi publicada no ano de 1963 e analisa as mistificações do mundo da pseudoconcreticidade do espaço, no qual se evidencia a verdade e a mentira dos fatos.

Assim para ele,

[...] o mundo da pseudocroncreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência, e ao mesmo tempo, a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, o apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças ao seu contrário. A essência não se dá imediatamente; é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é (KOSÍK, 1976, p. 15).

Kosik (1976) neste sentido, manifesta seu pensamento acerca dos preconceitos, aparências enganadoras e sobre reflexões alienadas. Sua obra *Dialética do Concreto* faz críticas aos problemas contemporâneos. Os quais para o autor representam à técnica, a economia e a ciência. Do mesmo modo, Freire (1978, 1992, 1996) em suas obras se refere a superioridade científica e a tecnologia, ao domínio de pensamento e a ausência de participação social dos sujeitos, evidenciando assim como Kosík, a atualidade de seu pensamento. Os autores criticam a forma mecânica como as camadas populares atuam e como são tratados na sociedade. Enfatizam ainda a necessidade de se inteirar da pouca liberdade que desfrutaram e da importância da presença na cultura nacional e na comunidade.

Freire (1992) afirma que educadores e educadoras devem se informar sobre a cultura popular e sobre sua linguagem. Garantir a presença desses sujeitos sem impor a superioridade de sua linguagem. Assim, para Freire (1992),

A posição dialética e democrática implica, pelo contrário, a *intervenção* do intelectual como condição indispensável à sua tarefa. E não vai nisto nenhuma traição à democracia, que é tão contraditada pelas atitudes e práticas autoritárias quanto pelas atitudes e práticas espontâneas, irresponsavelmente licenciosas. É neste sentido que volto a insistir na necessidade imperiosa que tem o educador e a educadora progressista de se familiarizar com a sintaxe, com a semântica dos grupos populares, de entender como fazem eles da leitura de mundo, de perceber suas “manhas” indispensáveis a cultura de resistência que se vai constituindo e sem a qual não podem defender-se da violência a que estão submetidos. Entender o sentido de suas festas no corpo da cultura de resistência, sentir sua religiosidade de forma respeitosa, numa perspectiva dialética e não apenas como se fosse expressão pura de sua alienação. Respeitá-la como se fosse direito seu, não importe que pessoalmente a recuse de modo geral, ou que não aceite a forma como é ela experienciada pelo grupo popular (p. 107).

Freire (1992), assim como Kosik (1976), torna evidente a importância da consciência, da comunicação e da independência popular. Como também, a relação dialética entre os educadores e

os educandos para que, desse modo, possam potencializar habilidades e desenvolver o senso crítico.

Para Freire (1992, p. 126), “uma das tarefas da educação popular progressista, ontem como hoje, é procurar, por meio da compreensão crítica de como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza”. Para Kosik (1976), reconhecer os riscos a que nos expomos ao enfrentar problemas como este necessita do conhecimento, pois “a característica precípua do conhecimento consiste na decomposição do todo. A dialética não atinge o pensamento de fora para dentro, nem de imediato, nem tampouco constitui uma das suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma das suas formas, o conhecimento é a decomposição do todo” (p. 18).

Segundo Freire (1992) e Kosik (1976), um pensamento incapaz de compreender a realidade não consegue compreender, sistematicamente, o contexto do qual faz parte. Kosik (1976), assim como Freire, defende ser necessária uma investigação para a decodificação da situação existencial, possibilitando ao povo os significados do seu contexto. Assim, em sua obra *Dialética do Concreto* diz que,

o indivíduo mesmo antes de ler um manual de economia política e de conhecer as leis próprias dos fenômenos econômicos formuladas pela ciência, já vive na realidade econômica e a compreende de um modo qualquer. Deveremos, portanto, dar início à nossa investigação interrogando um indivíduo inculto. Que esperamos de suas respostas? À pergunta: que é economia? O indivíduo pode responder com palavras que exprimem a sua representação da economia, ou então com palavras que repetem respostas alheias (KOSÍK, 1976, p. 67-68).

Sob este ponto de vista, Freire (1992), interessado na formação do sujeito alfabetizado destaca que ensinar exige desenvolver o senso crítico do aluno e, neste processo, cabe ao professor, orientá-lo por meio da pesquisa e do diálogo, para que assim os educandos tomem consciência do contexto atual e do mundo vivido. Nesta mesma direção, Erich Fromm (1968) apresenta que o saber é necessário para ver e entender a realidade.

Fromm (1968) foi psicologista social, sociólogo e filósofo humanista. Descendente de família de judeus nasceu e morou com os pais na Alemanha durante quatorze anos até quando iniciou a primeira Guerra Mundial. Em sua obra *A revolução da esperança*, nota-se que foi autor de uma psicanálise convencional e pensador crítico de ideologias políticas, religiosas e terapêuticas. Influenciado por Freud e Marx, Fromm (1968) é considerado um dos principais psicanalistas do século XX. Preocupado com a formação do sujeito da sociedade contemporânea se empenhou em desenvolver uma nova ciência do homem, uma ciência que possibilitasse a todos, equilíbrio diante do caos cultural.

Contrário a violência e as perversões na sociedade, Fromm (1968) buscava entender as

relações entre os sujeitos e o meio em que viviam. Interessava-se ainda em promover aos indivíduos pensar sobre a própria vida, sobre o lugar e a condição que estavam inseridos. Fromm (1968) compreende, assim como Freire (1992), que os homens devem conhecer e entender as condições de sua existência no contexto histórico, como também, interpretar os acontecimentos, a base de toda autoridade que conduz a classe dominada. Conforme o autor, o povo deve se questionar sobre:

o que são os fatos? Em si mesmos, ainda que corretos, e se não forem distorcidos por tendências pessoais ou políticas, os fatos só não podem ser inexpressivos como também incorretos pela própria seleção, desviando a atenção do que é importante, ou dispensando e fragmentando de tal forma o pensamento da pessoa, que ela é menos capaz de tomar decisões significativas quanto mais “informações” recebeu. A seleção dos fatos subentende avaliação e escolha. A consciência disso é uma condição necessária para fazer uso racional dos fatos (FROMM, 1968, p. 68).

Em outras palavras, para Fromm (1968, p. 69), “os fatos” são interpretações de acontecimentos, e a interpretação pressupõe certas preocupações que constituem a importância do acontecimento, para ele, a consciência é necessária para entender os significados da realidade, os quais são fundamentais para compreender as condições atuais dos sujeitos desfavorecidos na sociedade. O que é válido, neste exemplo, é a possibilidade que o autor apresenta de podermos pensar sobre a vida dos homens no cotidiano e posteriormente no processo de aprendizagem. Além dos fatos relativos à vida política e em sociedade.

Nesta perspectiva, as ideias de Freire contribuem para a mudança social por meio da educação nos fazendo refletir sobre nossa condição humana e sobre nossas práticas cotidianas. De acordo com Freire, a mudança do olhar sobre a realidade torna-se possível através de uma prática mediatizada pelo diálogo e pela valorização da cultura do sujeito. Segundo Freire, em tempos de exclusão a educação é um instrumento de transformação e libertação para uma sociedade mais igualitária.

Assim como Freire (1987, 1992, 1996), Erich Fromm (1968) nos mostra que a reflexão sobre todo o sistema “representa uma análise de um processo no qual nós, como observadores, também estamos incluídos” (p. 70). Conforme os autores não devemos nos limitar a pensar na própria condição no dia a dia, o que Freire chama de visão setorial, mas analisar a realidade humana com uma visão global, participando de forma responsável nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos. Para eles, isto torna-se possível mediante o diálogo, a conscientização e a politização dos educandos, para que se tornem sujeitos históricos e críticos da sociedade.

Em relação a esse contexto, há, também, a presença de Karl Marx que combate a alienação e foi contra a massificação do homem, características que interessaram a Freire. Influenciado por alguns parâmetros políticos e ideológicos em seu discurso são incorporados termos marxistas como “conflito de classe” e “consciência de classe”. Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, destaca

aspectos de uma revolução contra a elite que controla o poder. Tal qual ocorre em Marx (1987) ao tratar da luta de classes, ao defender que operários do mundo inteiro se unissem em defesa de um ideal de luta.

Marx realizou suas análises na Europa em um período de comoções sociais, especialmente as revoluções de 1848. Na cidade de Bruxelas, Marx (1987) ocupava-se de política e, juntamente com Engels escreveu o Manifesto do Partido Comunista, documento que insistia na ideia de substituir a propriedade privada pela apropriação coletiva dos meios de produção visando o bem comum. Embora, para alguns estudiosos se tratasse de uma ideologia utópica, o manifesto lança luz a muitas revoluções do proletariado, ao analisar as contradições de condições de exploração às quais os trabalhadores eram submetidos.

Essa criticidade é algo que Freire busca de seus aprendizes por meio do conhecimento e prática social. Para tanto, propõe em *Pedagogia do Oprimido* características fundamentais na organização política das classes subordinadas. Assim, surgiriam lideranças revolucionárias. Mas as práticas pedagógicas precisariam sofrer mudanças, pois a educação tradicional tida como “bancária” não possibilita que o estudante manifeste sua consciência crítica, podendo-o de manifestações criativas e políticas. Seria necessária uma nova forma de aprender, que leve em conta a troca de informações e o diálogo entre professor e estudante. Para Freire (1996) se faz necessário também a preocupação com a natureza humana, para que os sujeitos, em especial os das camadas populares não se submetam a “ética” do mercado.

Nessa perspectiva, Neto (2008) cita Marx (1987) e sua radicalidade ao defender os legítimos interesses humanos. Antes de tudo, ele destaca que Marx é favorável a união das classes trabalhadoras do mundo e a consciência de classe. Favorável também ao estudo de uma categoria fundamental, o trabalho, para que assim todos possam compreender a atividade econômica e o modo de ser dos homens e da sociedade. Sobre essa realidade, Neto (2008, p. 31-32) destaca que para Marx,

o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho. [...] Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais que um arquiteto humano com a construção de favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e por tanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural, o seu objeto. [...] Os elementos simples do processo de trabalho são a atividade orientada a um fim ou o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios [...] O processo de trabalho [...] é a atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal eterna da vida humana e, portanto, [...] comum a todas as suas formas sociais (Marx, 1983, p. 149, 150, 153).

Para Neto (2008), diferente da atividade natural dos animais, o trabalho do homem se constitui de forma mediada, pensada, refletida e planejada, seja ela com recursos naturais (pedra, madeira) ou com recursos eletrônicos (máquinas, computadores e outras tecnologias). Segundo ele, o processo de trabalho se constitui, produzindo não somente valores de uso mais uma grande organização que a todo o momento se reinventa para um consumo de massa. Assim, para Neto (2008), em meio essa dinâmica chamada de capitalismo constitui-se o domínio e a concentração de poder restrita a uma minoria, havendo pouca participação dos que exercem o trabalho.

De acordo com Freire (1996), a exploração está relacionada à ausência de participação consciente e de uma educação libertadora, o que deixa a maior parte da sociedade em situação vulnerável. Desse modo, para Marx (1987) o sistema capitalista vai se mantendo, por meio da exploração e da ausência de políticas públicas que garantam aos sujeitos participação consciente e condições para o exercício da cidadania. De acordo com Freire (1996), é necessário despertar a capacidade crítica e criadora, para que os sujeitos participem com autonomia na elaboração e no controle do trabalho, compreendendo seu contexto social, bem como, a finalidade do seu trabalho. Conforme Freire (1996), para que isso se efetive, o ensino deve ser voltado para uma teoria dialógica da ação que denuncie as injustiças que levam a miséria, uma educação para a formação do sujeito crítico, reflexivo capaz de criar e compreender a sua realidade.

O árduo trabalho escrito por Marx proporcionou a identificação de vários problemas sociais que após alguns anos popularizaram suas teses. Trata-se de um movimento social com aspectos próprios que mobilizou muitos questionamentos das estruturas econômicas, políticas e sociais. Assim como Freire, muitos escritores e intelectuais humanistas viram nas teses marxistas inspiração e esclarecimentos para repensar as formas de organização social. No contexto educacional, o qual se insere a obra de Paulo Freire, houve a proposta de uma nova educação que só poderia se materializar após uma profunda mudança na sociedade, bem como da política e de todas as instâncias que perpassam o dia a dia dos grupos sociais. Trata-se, portanto, de uma educação capaz de formar cidadãos autônomos, capazes de exercer sua autonomia de forma plena com capacidades diversas.

Freire foi um grande incentivador da educação para jovens e adultos, mas bem diferente da educação formal, uma vez que é mais flexível e com resultados mais imediatos. Freire foi acima de tudo defensor do conhecimento crítico que poderia conduzir a mudança e a participação social dos sujeitos desfavorecidos, assim como defendia Marx, em prol da diminuição das desigualdades sociais. Para Marx (1987, p. 162) “toda vida social é essencialmente *prática*. Todos os mistérios, que induzem às doutrinas do misticismo, encontram sua solução racional na *práxis* humana e no

compreender dessa *práxis*". Neste sentido, para ele, é necessário preparar os sujeitos para participarem dos processos de interação na sociedade e em toda a sua complexidade, tornando-os autônomos em seu processo de aprendizagem. Para que, desse modo, entendam as ideologias e não sejam manipulados, uma vez que para Marx,

conceito de ideologia aparece [...] como equivalente de ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real. [...] No marxismo posterior a Marx, sobretudo na obra de Lênin, ganha um outro sentido, bastante diferente: ideologia é qualquer concepção da realidade social ou política, vinculada aos interesses de certas classes sociais particulares (MARX *apud* LOWE, 1985, p.12).<sup>2</sup>

Paulo Freire também assumiu ter sido influenciado pelo escritor francês Albert Memmi (1977), pois pensa a educação partindo da realidade e contextos históricos. Assim como Memmi, o autor acredita que o conhecimento tem um poder transformador, sendo assim não poderá estar desvinculado da experiência cultural e da compreensão da diversidade. Para Freire (1996), quando colocado a serviço da construção da consciência crítica dos sujeitos das camadas populares torna-se capaz de promover o desenvolvimento de um novo modelo de sociedade.

Sob este ponto de vista, Freire (1987) cita Memmi (1977) e sua concepção sobre a consciência colonizada. Albert Memmi (1977) foi um escritor francês que nasceu em 1921 em Tunis capital da Tunísia. Entre suas obras está *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* a qual ele faz uma análise da condição de dominador e de dominado, do processo conhecido como "Partilha da África", na década de 1950 e das mudanças ocorridas nas metrópoles, entre o fim do século XIX e o término da Segunda Guerra Mundial.

Para Memmi (1977) o poder transformador do conhecimento, possibilita compreender a ação política de uma prática pensada no interior de uma sociedade, nos leva a compreender a sociedade dominada. Tendo em vista o que afirma Memmi (1977), Freire (1992-19870) propõe que a educação ultrapasse os conteúdos escolares e alcance a realidade rumo à construção de uma nova sociedade. Assim, o pensamento de Freire recai sobre o campo educativo enquanto o de Memmi (1977) se dá no campo político.

Neste livro, o autor manifesta ainda sua percepção sobre a condição social e econômica existente em seu tempo. Segundo Freire, o autor relata situações que viveu na própria carne e não na condição de espectador. Onde presenciou a contradição e os conflitos que manipulam a consciência das pessoas desfavorecidas.

De acordo com ele as redes de dominação se espalham por todos os lugares. Neste processo, as pessoas se submetem a algumas condições, entre elas ser reprimido, domado e explorado.

---

2 Michael Lowy. **Ideologia e ciência social**. São Paulo: Cortez, 1985. p. 12.

Memmi (1977) destaca também a existência de uma atração pelo opressor e por seus padrões de vida. Além de um conformismo da situação vivida e da aceitação de inferioridade.

Com base nesses pressupostos, Freire destaca que “participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo nos oprimidos de “classe média”, cujo, o anseio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada “classe superior” (1987, 49). Freire observa, neste caso, que a consciência do colonizado é aceitar a condição que se encontra ou assemelhar-se àquele que domina. A esse respeito o estudioso brasileiro Roland Corbisier, autor do prefácio deste livro de Memmi (1977) destaca ainda,

a situação colonial é, pois, como dissemos, um fenômeno social global, uma totalidade. Essa totalidade, no entanto é constituída por interesses antagônicos e inconciliáveis, contraditórios, portanto. Em um primeiro momento, essa contradição permanece latente, massacrada pela aparente e provisória acomodação do colonizado. Convencido da superioridade do colonizador e por ele fascinado, o colonizado além de submeter-se, faz do colonizador seu modelo, procura imitá-lo, coincidir, identificar-se com ele, deixar-se por ele assimilar. É o momento que poderíamos chamar de alienação. Ocupado, invadido, dominado, sem condições para reagir, nem ideologias nem materiais, não pode evitar que o colonizador o mistifique, impondo-lhe a imagem de si mesmo que corresponde aos interesses da colonização e a justificativa. O colonizado se perde no “outro” se aliena (p. 8).

Segundo Freire, os aspetos apresentados são centrais para sistematizar historicamente a concepção de autonomia. Neste sentido, o autor oferece instrumentos para pensar sobre o papel da educação libertadora para a aquisição da autonomia. Considerando os elementos apontados por Memmi (1977), Freire enfatiza a importância da investigação e reflexão sobre as memórias e lutas pela libertação, uma vez que constituem a autonomia. Além de contribuir para a formação da consciência crítica e estimular a participação responsável do indivíduo nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos. Preocupado com as massas populares e o proletário, Freire apresenta que a crença de que o dominador é o que sabe deve ser superada. Pois,

até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de Opressão “aceitam” fatalistamente a sua exploração. Mais ainda, assumem posições passivas, alheadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo. Nisto reside sua “convivência” com o regime opressor (FREIRE, 1987, p. 51).

Portanto, no conjunto de teorias analisadas por Freire nota-se que ele não busca apenas o dialogismo do processo de comunicação. Mas, um processo de luta e libertação dos oprimidos. Identifica-se ainda que diante do contexto atual da educação, da massificação da sociedade a ideologia freireana evidencia a necessidade de um método de alfabetização e educação que leve os sujeitos a tomarem consciência e compreenderem a sua realidade.

## Considerações Finais

Este trabalho nos permitiu apresentar algumas considerações, as quais nos propusemos a investigar ao longo da pesquisa, tais como a noção de autonomia para Paulo Freire e identificar para quem ele escreve, bem como alguns diálogos que Freire desenvolveu com suas leituras. Nossas reflexões nos permitiram ainda perceber o quanto o pensamento de Freire permanece atual, considerando, sobretudo, o contexto brasileiro.

Refletindo sobre a trajetória de Paulo Freire observamos o quanto suas experiências foram enriquecedoras para o fortalecimento de uma concepção pedagógica, metodológica e transformadora da realidade, bem como, para seus conceitos e práticas sociais. Assim, a noção de autonomia fluiu em meio a suas ações e não apenas teorizações, sempre levando em conta a perspectiva histórico-social das relações entre “opressor” e “oprimido”. Por isso, destacamos a necessidade do deslocamento do processo teórico para a prática escolar, ou seja, mover o processo de ensino para além dos espaços escolares e possibilitar que se constitua um processo dialógico crítico e político de forma a inserir os sujeitos efetivamente na sociedade com condições de reverter papéis de vulnerabilidade social. Freire defendeu firmemente em todo seu trabalho a importância do diálogo como uma forma de enriquecer os sujeitos, respeitando e valorizando a pluralidade de ideias.

Nas relações do contexto escolar, podemos pontuar que pensar a partir da contribuição de Freire é essencial para selecionar conteúdos com características dialógicas as quais os sujeitos podem interagir e perceber o sentido de suas leituras em situações do seu cotidiano e enfrentamentos das mais diversas esferas sejam elas religiosas, políticas, familiares, trabalhistas, entre outras. Assim como, possibilitar que os estudantes possam ter acesso a formas de letramento que possam capacitá-los para o enfrentamento social.

Diante deste contexto, notamos que o público para quem Freire escreve não se limita a apenas um determinado grupo, muito embora se saiba da sua incansável defesa dos grupos minoritários, excluídos e oprimidos. Os princípios de educação defendidos por ele são suficientemente sofisticados para possibilitar a aprendizagem de qualquer grupo social. Seus ensinamentos mantiveram-se públicos e disponíveis para beneficiar, sem restrições, a qualquer sujeito que viesse a precisar. Pois o que o autor defende não é restrição da consciência, mas o respeito, uma educação como especificidade humana e como um ato de intervenção no mundo e acessível a todos.

Desse modo, o autor escreve para alunos, professores e os demais sujeitos que constituem a sociedade, em especial os das camadas populares. Educador influente nos possibilita pensar, refletir

criticamente e construir uma consciência coletiva.

Sabemos que é papel da escola proporcionar meios que facilitem e incentivem o ensino e a aprendizagem dos estudantes, e a contribuição de Freire continua plenamente relevante e coerente. No entanto, a escola, principalmente a escola pública, não consegue se desvencilhar de uma noção restrita e tradicional de ensino, em que o foco é na maioria das vezes apenas conteudista. Como podemos observar nos materiais didáticos distribuídos pelos órgãos governamentais. Nesses materiais é dada ênfase aos conteúdos e as tímidas propostas que fogem a isso nem sempre são executadas pelos professores, ou seja, por dificuldades relativas a frágil formação ou pela falta de tempo proporcionado pelos currículos escolares. Desse modo, desconsidera as práticas sociais e as vivências dos estudantes.

Assim, este trabalho nos mostra a necessidade de se incorporar, pela escola, a noção de autonomia de Paulo Freire, para que assim, possamos repensar as práticas escolares e a postura de certos educadores. Além disso, para contribuir na transformação dos estudantes em agentes políticos capazes de manifestar e defender seus direitos, explorando seu potencial criativo diante das mais variadas situações de conflito e no exercício da cidadania.

Dessa forma, Freire propõe uma metodologia em que os sujeitos, sobretudo adultos, são inseridos no contexto social e político dentro de sua própria realidade de forma que sejam despertados para a cidadania para que assim possam transformar sua própria realidade. Portanto, mesmo no processo de alfabetização, a articulação das sílabas e formação das palavras deve se dar a partir da própria realidade e das experiências vividas pelos aprendizes. Desse modo, será possível formar um leitor mais eficiente e não apenas funcional, ou seja, que consiga apreender os sentidos dos textos e discursos ao invés da mera decodificação.

Considerando que este estudo tratou da noção de autonomia para Paulo Freire e identificar para quem ele escreve, bem como alguns diálogos que Freire desenvolveu com suas leituras, temos a intenção de contribuir com nossas reflexões sobre o processo de compreensão da noção de autonomia, como também sugerir outras pesquisas que envolvam alguns dos elementos abordados neste estudo, e que possam ainda juntar outros elementos, outros contextos com aspectos distintos. Considerando que esta pesquisa teve algumas limitações, torna-se necessário a ampliação deste estudo inclusive com a aplicação prática dos conceitos de modo a verificar de forma mais real a relevância das estratégias de ensino elaboradas por Freire.

Com este estudo, procuramos mostrar as contribuições das metodologias de Paulo Freire e a importância da noção de autonomia. Esta pesquisa não tem o intuito de estabelecer conceitos, indicar definições rígidas ou finalizar os estudos relacionados a essa área. O nosso propósito consiste em contribuir com práticas mais voltadas para a formação de educandos autônomos.

## Referências

AZEVEDO, José André de. **Fundamentos filosóficos da pedagogia de Paulo Freire**. Akrópolis Umuarama, v. 18, n. 1, p. 37-47, jan./mar. 2010.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Coleção educadores MEC/ Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**. Iduatuba, SP: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: Teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1982.

\_\_\_\_\_. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'água, 1993.

\_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora Olho d'água, 1995.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Editora Unesp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da tolerância.** São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. Medo e Ousadia: **O cotidiano do Professor.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FROMM, Erich. **A revolução da esperança: Por uma tecnologia humanizada.** Ed. Círculo do Livro, 1968.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo e GUIMARÃES. **Pedagogia: diálogo e conflito.** 4. ed. – São Paulo: Cortez, 1995. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo\\_freire\\_pedagogia\\_dialogo\\_e\\_conflito.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_dialogo_e_conflito.pdf). Acesso: 28 de novembro de 2015.

JORGE, Sônia Maria Gonçalves, BENEDETTE, Sandra. **Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico.** 21 ed. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** 2. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1976.

LIMA, Rafael Lucas de. **Sobre o conceito de pseudoconcreticidade em Karel Kosic.** Natal, RN. 2011. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/ppgfil/mestrado/dissertacoes/rafael\\_lucas\\_de\\_lima.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgfil/mestrado/dissertacoes/rafael_lucas_de_lima.pdf). Acesso em 12.12.2015.

MARCONI, Maria de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** In: Ciência e conhecimento científico. Métodos científicos. – 5. ed. – São Paulo : atlas 2003.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos - filosóficos e outros textos escolhidos.** 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

NETO, José Paulo BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica.** Ed. 4. São Paulo: Cortez, 2008, p. 28-53.

PROJETO MEMÓRIA ART. **O método de Paulo Freire.** Disponível em: [http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/pensamento/01\\_pensamento\\_o%20metodo\\_paulo\\_freire.html](http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/pensamento/01_pensamento_o%20metodo_paulo_freire.html). Acesso em 26.11.2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.